

Voz de S. Antonio



Revista mensal ilustrada

Abençoada por S. S o
Papa Leão XIII pe-
lo Ex.^{mo} Ordinario
e varios Prelados.

N.º 11

NOVEMBRO
SÉRIE 4.^a
7.º anno

Gardier

CHRONICA LIGEIRA

SUMMARY: — *As Rédes da Maçonaria: com vista ao snr. Jules Lemaitre e outros. — Palavras do Snr. Bispo de Plasencia. — Fantochada em Aveiro. — O S. Martinho: effeitos da vinhaça. — Os Bispos e um conhecido órgão reaccionario, digo, republicano.*

Com infundada surpresa pergunta o snr. Jules Lemaitre (na sua obra recente), como, dentre 36 milhões de francezes, não se levanta uma voz de formidável protesto contra os mil e tantos filhinhos... da *viuva*?

Tanta gente boa e tão pouca gente ruim? Tantos catholicos (quasi 36 milhões (?)), e tão poucos trolhas (18 mil (?))?

E' possível que sendo os maçons a escunha-lha da sociedade, tanto ascendente possam exercer em todas as ordens de religião, da politica, da industria e do commercio?

Póde lá ser!

O snr. Jules Lemaitre que, salva sempre a sua boa intenção de atacar a maçonaria, representa em sua postiga ingenuidade as postigas convicções de muitos catholicos de cá, não atendeu de certo nas *reaes* representações da maçonaria.

Ella é peor do que o Jesuitismo da Fabula. Está em toda a parte *manobrando*, e não está em nenhuma *destruindo*!...

Tem representações na *Electra*, na *Calmon*, nos *brados provocadores* de D. F. José dos Corações e de D. Manoel Barreto, e não representa nada...

Apodera-se das redacções de jornaes colossos, explora a crendice e... a *bolsa* dos papalvos (quantos milhões?!), entra no sanctuario das familias e percorre as veias da sociedade, e não representa nada...

Os maçons são uma minoria relativa? Mas em que unhas estão as redeas dos governos latinos, onde é projecto de lei (que não de facto) a apostasia official da fé catholica?

Quem preside ao genio açambarcador dos Anglo-Saxonios que só levam em mira a degradação da gente romana? E as camaras e os governos e os ministerios, e os mil serventuarios d'esta gente grande, são tudo *catholicos*...

Catholicos que mandam as associações religiosas para casa de todos os demonios como o fez Waldeck Rousseau e a sua clientela, da França. Catholicos que partem lanças contra as forças catholicas traiçoeiramente agredidas, como fez e estão fazendo os magnates da nossa parvonia. Catholicos com figas na mão direita, e cruzes na mão esquerda, com livrinhos de piedade nos templos, e jornalões immoraes em casa, com gente boa nas sachristias, e *cocottes* nos theatros, nos bailes e nas *soirées*.

Esta é a *flor* da gente catholica e não entra aqui sequer o halito mofento da maçonaria, viveiro de feitiços irrationaes para a culpa, mas racionaes para o interesse e para a vingança!...

*

* *

Bem haja a *Cruzada* de Villa Real, que, no empenho de salientar bem o caracter d'esta *ja-suitada* monstruosa, offereceu aos seus leitores as seguintes sensatas reflexões do Snr. Bispo de Plasencia:

«Depois dos ensinamentos que o Santo Padre Leão XIII nos dá na Encyclica *Humanum genus*, facil-

mente descobrirá qualquer catholico a má fé com que se tem tratado d'enganar muitos incautos, fazendo-lhes crer que não existia tal seita e que o pintal-a com horribeis côres não era mais do que um recurso d'effeito inventado pelo *jesuitismo*, para sustentar a sua influencia e dominio sobre o povo. Nem tão pouco, visto não poderem já negar a sua existencia, enganarão, exhibindo-se como membros d'uma associação inoffensiva, na qual nada se machina contra a Religião e a sociedade e que não tem outro fim senão fazer bem aos seus irmãos, soccorrer-se mutuamente, melhorar a condição dos povos «e fazer que o maior numero dos seus membros gose das vantagens da sociedade civil.» (Encyclica). O Summo Pontifice desvaneca esse subterfugio, fazendo a apparecer em toda a sua horribe deformidade, isto é, como uma seita fortemente organizada e estendida por toda a parte, que conta milhares de filhados em cada nação, especialmente nas da Europa e America, pertencentes a todas as classes e hierarchias sociaes; como uma associação profundamente impia, que para nada tem em conta a Religião e na qual se admite indifferentemente o catholico, o hereje, o judeu, musulmano, pagão ou atheu; altamente immoral, pois que liga os iniciados com execraveis juramentos a não descobrirem jámais aos profanos os segredos que lhes são confiados: e profanos são a esse respeito, não sómente os que não pertencem á maçonaria, mas tambem os mesmos associados que estão em grãos inferiores e que ignoram quasi todos os perversos designios da seita. Sujeitam-se, além d'isso, a obedecer cegamente ás ordens e mandados, quaesquer que elles sejam, que emanam de personagens desconhecidos ou de centros mysteriosos da seita, sob pena de perderem a vida em muitos casos, como mais de uma vez tem acontecido. (Ibid).

*

A maçonaria, pois, e outras sociedades secretas de distinctas denominações que com ella estão em intima relação, constituem diversos corpos d'um só exercito que tem erguida uma bandeira commum, sob a qual militam, e que ostenta por divisa o lema: *Odio implacavel a Jesus Christo e á sua Igreja, destruição até aos fundamentos de toda a ordem religiosa e civil estabelecida pelo christianismo* para construir a seu modo outra ordem nova com fundamentos e leis tiradas das entradas do *Naturalismo*. (Ibid).

Formam hoje, com effeito, essas seitas uma vastissima instituição em que se encontram reunidas, organizadas e postas em acção todas as forças que o mundo pode subministrar em tudo quanto tem de mais perfido e seductor, tudo o que alcançam as paixões de mais lisongeiro e fascinador, e ao mesmo tempo tudo o que em circumstancias dadas pode servir para impor-se pelo terror e violencia. N'ella apparece o rancor, o implacavel odio e sede de vingança em que arde Satanaz contra Jesus Christo (Ibid.). Constituem uma especie de igreja diabolica ou *sinagoga de Satanaz*, como dizia o Apostolo, que remeda pela sua extensão e universalidade a sua eterna rival, a catholica, contra a qual combate sem treguas.

Inspiradas, como são na realidade, essas sociedades pelo espirito do orgulho que, confiando em suas proprias forças, disse no ceu: *Collocarei o meu throno sobre os mais elevados astros, assentar-me-hei sobre o monte da Aliança... subirei sobre as nuvens, serei semelhante ao Altissimo* (Isa., XIX. 13), procuram supplantar e fazer desaparecer, se fôsse possível, a ordem sobrenatural a que o homem foi elevado em Jesus Christo. D'essa ordem é expressão visivel, constante e indefectivel na terra a Igreja Catholica, á qual pertence guardar inteiramente e defender em sua incorrupta pureza o deposito das doutrinas reveladas por Deus, a auctoridade do magis-



Voz de S. Antonio

Redacção e administração — Braga

SUMMARIO

Roma.

- I Parte — *Secção Doutrinal*: Uma boa obra. — S. Nicolau Factor. — O tempo. — Indulgencias, etc.
- II Parte — *Secção Historica*: Convento e Igreja de Santo Antonio em Aveiro. — Pensamentos. — Sobre a Ordem de Malta. — Anecdotas e contos moraes.
- III Parte — *Leituras Amenas*: A clientela do Doutor. — Amores de Mãe. — Uma data gloriosa.
- IV Parte — *Culto de Santo Antonio*: O Pão de Santo Antonio. — Explicações. — Braga. — Covilhã. — Lages das Flores. — Vianna. — Fayal. — India. — Rio de Janeiro. — Guaratinguetá. — Porto Alegre, etc. — Recommendações. — Os nossos defuntos.
- V Parte — *Secção Scientifico-Litteraria*: A Grève, suas causas, agentes e leis. — Primeira communhão (poesia). — Bibliographia: livros, revistas e jornaes. — As nossas illustrações.
- VI Parte — *Chronica Universal*: Roma. — Portugal. — Hespanha, etc.
- Gravuras*: Fructos do ensino leigo. — Rosa Mystica. — Bandeira d'um regimento.

Editor — D. J. de Souza Gomes.

Pap. e Typ. Universal — Augusto Costa & Mattos.

ROMA

ROMA é bem a capital do mundo civilizado, pois n'ella se fixam e para ella convergem as attenções de toda a gente boa e sensata.

Perseguida, mas não vencida, sobreviveu sempre ás suas ruinas, sem que a acção destruidora do tempo e dos homens lhe embargassem a marcha civilisadora.

Como explicar este phenomeno, excepcional e nunca visto nas obras puramente humanas?

Serão as memorias da velha tradição pagã que imprimem ainda hoje n'aquelles velhos muros, n'aquellas ruinas assombrosas, n'aquelles templos mysteriosos — o cunho vago do ultra-natural?

Mas a tradição pagã esboroou-se á luz esplendissima do christianismo

que accendeu em Roma sobre destroços do velho Imperio a luz inapagavel da fé.

Será o predominio *moral da Italia-Una*, farça ridicula do cesarismo, com a aggravante de não ter nem historia de empreendimentos heroicos, nem folha de serviços humanitarios?

Será? Mas Roma, e a propria Italia, assiste a uma guerra surda das consciencias contra o abuso do poder, e ninguem vae a Roma só para vêr os desmandos do poder. Concordemos que o universal prestigio de Roma lhe vem da eterna soberania do Pontifice que abraça todos os tempos e logares porque é legitimo monarcha dos espiritos e dos corações.

O Pontificado não é só gloria de Roma: é tambem a verdadeira causa de todas suas glorias antigas e modernas.

Sendo Christo ponto central da circunferencia em que se volvem os seculos, para Christo e para seus representantes devem de tender as li-

nhas da economia humana no passado, no presente e no futuro.

Paganismo e christianismo, historia antiga e moderna, são extremos que presuppõem um meio: e o meio é Christo, que em Roma deixou o deposito da sua doutrina e da sua moral.

Não se explica a formação e configuração do globo, sem o plano d'um habil Architecto, que desde a eternidade, preconcesse a idéa sublime da criação. Pois a harmonia do mundo social e do mundo religioso, os seus pontos de contacto, a sua colaboração mutua e constante na obra do aperfeiçoamento humano reclamam não menos evidentemente a assistência infallivel, directa ou indirecta, de quem fez o mundo e governa os homens pelos homens.

O Pontificado assenta na Cadeira de Pedro, e Pedro assenta nos fundamentos de Christo. Christo e Pedro são bem dignos de Roma e de seu prestigio.

Tanta gloria, tanta riqueza, tanto poderio, haviam de ter por unico fito satisfação brutal de feras coroadas, que dão pelo nome de Nero, Caligola, Tiberio, Diocleciano?

Digam-no muito embora os adoradores confessos do bezerro d'ouro da materia.

Nós estamos pela philosophia da historia que acceta indiscutivelmente a coordenação divina da Roma paga á Roma christã, da Roma dos Imperadores á Roma dos Papas.

Desde que Pedro subiu as eminencias do Capitolio para ali fincar o labaro sacrosancto da Cruz, — a historia do Pontificado ficou sendo a historia de Roma, que d'elle recebeu o character de universalidade e perpetuidade.

Não importa que a antiga magestade dos Consules e do Senado dispare em ludibrio, que a proverbial sensatez do primeiro povo do mundo degenerere em loucura, e que o fabuloso prestigio dos generaes e de suas legiões caiam na ignominia.

Emquanto em Roma se elevar por sobre o tumultuar das paixões a infavel majestade d'um Pontifice, haverá tambem no mundo um centro fecundo de expansão moral e social d'onde mane para os povos a felicidade e a paz.



Secção doutrinal

Uma boa Obra

A muita consideração que temos para um nosso dedicado amigo leva nos a inserir aqui este artigo, ao qual todavia julgamos conveniente fazer alguns retoques e supprimir certas passagens que, sem ser realistas, destoavam um pouco da índole d'esta Revista.

Não que o assumpto não seja de flagrante actualidade e digno de ser meditado pelos nossos homens publicos: mas é que nem sempre ao paladar christão e piedoso sabem *manjares* que denunciem o meio profano (infelizmente tão generalizado) onde foram condimentados.

O articulista, que é um dos mais valiosos amigos da *Voz de Santo Antonio*, versa um problema de transcendental importancia, mas infelizmente bem descurado por quem lhe deveria dar efficaz solução. Oíçam:

UMA das coisas que mais ferem a vista do observador sensato é a crescente prostituição, que se vae alastrando pelos grandes centros da Europa. Em Lisboa mesmo é incalculavel o augmento, que tem tido a prostituição publica.

A Avenida é uma verdadeira feira de mulheres. Cruzam-se os convites picantes, os olhares tentadores e mil outras diabruras sedutoras. Além d'estas desgraçadas profissionais não faltam as altas cortezãs, as vaidosas amantes dos argentarios, as actrizes afamadas e um mundo de mulheres, que da sua belleza e luxo se servem para

seduzir os homens e arruinar a algibeira. Outras ha *graves e serias* que offerecem um bilhete de visita á sua morada e o preço!

Lisboa é um perfeito *boulevard* de Paris.

Se da Avenida ou da Baixa passáramos para os theatros, mudariamos apenas de logar. O homem mais casto e serio não poderia resistir a essas fabricas de luxuria.

Eu tenho visto em scena coisas, que nunca imaginei poder presenciar em publico. São simplesmente repellentes os nossos theatros a ponto de os ter deixado de vez. Tive sempre o bom senso de nunca levar a minha familia sem primeiro informar-me da peça. São uma verdadeira escola de perversão, que a policia deveria prohibir a bem do decóro publico e da propria Arte, e até da grammatica. E a esta obscenidade o publico dá preferencia, não sendo raro a frequencia de ecclesiasticos, que riem a bom rir!

Mas voltemos á prostituição, já que prostituição nos parece tudo isto: o livro o jornalismo e o theatro,

Portugal parece apenas penetrado do espirito da... pormographia.

N'este assumpto de prostituição ha uma caracteristica curiosa e vem a ser que ella attinge nos paizes christãos um grau de disfarçates e de insultuosa elegancia que não se dá no Oriente.

Nos prostibulos de Bombaim ou no Cairo, por exemplo, as *indigenas* são muito mais recatadas que as christãs ou judias. Entre os pagãos a *bailadeira* constitue uma classe áparte quasi maldita com um caracter quasi religioso.

D'este facto podia qualquer superficial concluir, como se tem concluido, que o Occidente europeu e christão é mais immoral que o Oriente pagão; mas não é assim.

A China e a India não apresentam virtudes como as das sociedades christãs, nem mesmo os famigerados bhudistas, cuja vida cenobita é uma lenda. Isto é obvio para quem conheceu *de visu* os santos *fakirs* ou os *monges* de Candia ou Thibet. Por isso a degeneração furibunda da prostituta christã é para mim um phenomeno transcendente. Com effeito, na historia das aberrações humanas o christão degenerado leva um cunho terrivel, que a apostasia da verdade parece merecer. Os hereges, o ju-

deu, emfim, quantos conscientemente renegam da nossa fé verdadeira, trazem um cunho de maldição inexcedivel.

Apesar da distancia do tempo e do meio Henrique VIII é em tudo e por tudo um Nero.

E' bem verdade que se os demonios não tivessem sido anjos, não seriam o que são: — demonios!

Feita esta observação, que não se póde explicar dentro da natureza psychologica do homem, porque não é natural que os habitos christãos não reagissem ou não attenuassem a voluptuosidade do crime, sou inclinado a concluir que alguma coisa de diabolico se dá contra o divino. O *Mau* tem requintes de prazer em perverter *fóra do commum* umá alma christã. Tão divina e nobre é a sua vida de graça! Para frisar mais este ponto basta observar que em nenhuma outra religião os seus sectarios têm feito o que os catholicos da Revolução fizeram aos seus templos, aos seus sacerdotes e ao seu Divino Fundador. Não fôsse o inferno a fazer a contra prova da divindade de Jesus e da Sua Igreja!.....

Se a prostituição se origina na queda moral, haja institutos onde se recolham as desvairadas doidas do mal, até que se curem moral e physicamente, porque ha tambem causas physicas da prostituição. Um medico e um padre, medico e padre dignos d'esse nome, salvariam a infeliz, cuja convalescença seria optima se fosse um casamento! Se a impiedade hoje pretende organizar um mundo novo *á la diable*, porque os philosophos o não transformariam pela sciencia e pela fé?

Bastaria a meu vêr um Regulamento, pouco mais ou menos, concebido n'estes termos, para ao menos minorar essa lepra, que é a vergonha de todos os tempos e o horror dos paizes christãos.

1.º — Nenhuma infeliz seria matriculada fóra da terra da sua naturalidade.

2.º — Alguem que se apresentasse para esse fim, ficaria em observação pelo menos 3 mezes em estabelecimento medico-religioso.

3.º — As auctoridades obteriam todas as informações que se podessem obter sobre o passado da desgraçada a fim de servir de guia ao medico e ao padre.

4.º — Seria prohibido rigorosamente o

haver casas ou agentes de prostituição, isto é, exploradores d'esse trafico nojento.

5.º — A prostituta residiria fóra da população sem garantia na lei, nem direitos de especie alguma.

6.º — Andariam de preto, lenço e descalças, sem joias, nem enfeite de especie alguma: nem sedas, nem ouro.

7.º — Não poderiam apresentar-se em publico, a não ser a actos religiosos.

8.º — Ficaria prohibida a importação das *horizontaes* estrangeiras, como um perigo para a saude publica, exactamente como se prohibe generos noscivos.

9.º — Os syphiliticos seriam sequestrados da sociedade com a pena de prisão e multa, tal qual se prende um cão sem açaço, que é menos pernicioso.

10.º — Ficariam abolidas as taes *revistas*, que só servem para animar os tímidos.

Não quero dizer que com estes meios se acabaria a prostituição; mas o que é contra toda a ordem e direito social, é que não se cohiba esse mal, como se cohibe tantos outros menos degradantes, como o jogo, por exemplo.

A prostituição não deve ter fóros de instituição, porque é contra a propagação e contra a saude publica.

Cicatrisações e confissões, duches frios e duches moraes, trabalho physico e casamento — eis os grandes agentes therapeuticos que conviria pôr em execução para exterminar o maior flagello dos nossos tempos.

Os que se abalançassem a uma regeneração social d'esta ordem, ah! quantas lagrimas agradecidas teriam a regar-lhes as mãos! Que bençãos do céo não obteria um paiz que riscasse do seu solo a degradação da mulher, que é como que o riso da face de Deus!

UM CATHOLICO.

Santo protector para o mez de dezembro

O Beato Nicolau Factor.—Foi um dos maiores servos de Deus que a Hespanha produziu no curso do seculo XVI,

Nasceu em Valença em 1520 e adeantou tanto na virtude, logo desde a puericia, que a todos assombrava.

Aos 17 annos entrava no convento de Santa Maria de Jesus, e desde aquelle dia votou a Deus ser imitador fiel do Patriarcha S. Francisco d'Assiz.

Seus superiores applicaram-no ao ministerio da prégação.

Foi visto muitas vezes em extasis no meio de seus sermões, o que fazia com que innumeraveis peccadores viessem a bom caminho.

Como se as fadigas apostolicas não bastassem, mortificava o corpo com fortes disciplinadas *sangrentas*, diz a historia.

Nosso Senhor recompensou-lhe as austeridades com frequentes aparições.

Morreu no dia 23 de Dezembro de 1583.

Virtude a imitar

Aproveitamento do tempo. — Que lingua poderia dizer o preço immenso e ineffavel do tempo? Por quanto comprariam os condemnados uma só hora para fazerem penitencia! e os bemaventurados enquanto avaliariam um só dia que lhes fosse concedido para augmentarem seus merecimentos aos olhos de Deus! E comtudo quão pouco os mortaes estimam o seu valor! Nossas vãs palavras voam, o tempo voa por seu turno, e o homem insensato não vê o que perde! E' mister regosijar-se, é mister que passe a hora... Que passe a hora! essa hora que vos havia sido dada pela bondade do vosso Creador, para fazerdes penitencia, para alcançardes o vosso perdão, adquirirdes a graça, e merecerdes a gloria eterna!

E' mister que o tempo passe! esse tempo que deverieis ter empregado em pedir piedade a Deus, em suspirar pela patria celeste, em excitar uma vontade rebelde, em chorar vossos peccados.

Máximas espirituaes

O tempo vale tanto como Deus.

S. BERNARDO.

O tempo é um thesouro precioso, que não sendo empregado como é justo, nos negocios pertencentes ao espirito e nas obrigações do proprio estado, perde-se lastimosamente.

S. BERNARDO.

Se durante um anno andarmos continuamente na presença de Deus, no fim do anno achar-nos-hemos no cume da perfeição, sem nos apercebermos.

S. THEREZA.

Abolição geral

Dia 8 — Immaculada Conceição.
Dia 25 — Natal.

Doas indulgencias

O Summo Pontifice Leão XIII acaba de conceder aos Terceiros Franciscanos extraordinaria communicação de privilegios com a 1.^a e 2.^a Ordem Regulares. Em virtude d'esta concessão podem novamente ganhar as Indulgencias da Estação e da Corôa Seraphica como no proximo numero indicaremos.

Vantagens em applicar as indulgencias pelas almas do Purgatorio

- 1.^a — Augmentar merecimentos proprios.
- 2.^a — Fazer-nos credores de sua protecção.
- 3.^a — Augmentar no céo os louvores de Deus.
- 4.^a — Augmentar as alegrias dos santos.
- 5.^a — Cooperar na generosidade da Igreja com os mortos.
- 6.^a — Satisfazer pelas culpas proprias.

Excellencias

- 1.^a — A devoção ás almas do Purgatorio é centro de muitas devoções.
- 2.^a — Produz effeito infallivelmente.
- 3.^a — E' exercicio perenne da Fé, da Esperança e da Caridade.
- 4.^a — Influe prodigiosamente no progresso espirital.
- 5.^a — Communica-nos os sentimentos das almas.
- 6.^a — Augmenta efficazmente o temor casto filial e reverencial para com Deus.

Secção historica

Convento e Igreja de Santo Antonio em Aveiro

XIX

POR Alvará de D. Philippe (I de Portugal e II de Castella), assignado em Lisboa e datado de 2 de Janeiro de 1598, foi concedida á Camara de Aveiro a faculdade de dar a este Convento, uma pensão semanal, tirada da renda da imposição nos vinhos.

Tambem por concessão regia, era essa imposição applicada, em parte, para obras de templos, que então aqui se estavam construindo ou reedificando.

Os frades, porém, ficavam na obrigação de darem gratuitamente pré-gadores para os sermões da quaresma na Igreja matriz, dedicada a S. Miguel e demolida em 1835; assim como ficavam obrigados a darem pré-gadores gratuitos nas festividades, que, por costume, eram feitas á custa do Senado Aveirense.

O Provedor d'esta Comarca (chamada então *Comarca de Esqueira*), deveria mandar cumprir o mesmo Alvará e levaria em conta aos Vereadores tudo o que já houvessem dispendido com essa pensão.

O Alvará foi escripto por Francisco Ferreira e por mandado de Pero da Costa; e registado em Lisboa, em 29 do dito mez, por Gaspar Maldonado.

Só em 26 de Abril de 1623 foi copiado no livro primeiro, das Mercês e Privilegios, da Camara de Aveiro, a folhas 10, por Sebastião da Rocha Pitta, Escrivão da mesma Camara.

Não será facil saber a quantia da pensão semanal, que devia ser paga pela Camara a este Convento. E' possível, que prevalecesse, só em quanto não terminassem algumas obras na Igreja, assim como é possível, que da parte da Camara houvesse algama diligencia para tal pensão não ficar permanente.

Quando terminou, não se sabe; mas a data do registo no livro da Camara de Aveiro, só um quarto de seculo depois da concessão, parece corroborar o que exponho.

*

* *

O Guardião e religiosos d'este convento dirigiram-se a El-Rei D. João IV, queixando-se da falta de meios. Não sei em que data.

O monarcha, attendendo aos motivos allegados, assignou em Lisboa e em 7 de Janeiro de 1642, um Alvará, pelo qual concedia á Camara de Aveiro a faculdade de dar annualmente quarenta mil reis aos religiosos do Convento de Santo Antonio, então da Provincia da Piedade.

Essa quantia seria tirada dos *crecimentos* das cisas d'esta (então) Villa.

Os religiosos ficavam obrigados aos sermões, de que já se fez menção no Alvará antecedente, o que me leva a crer, que este novo subsidio fosse em substituição do que pelo mesmo Alvará lhes fôra concedido.

N'esta nova pensão, não deveria entrar quantia alguma, tirada da terça real. Determinava tambem o novo Alvará, que quando, n'um anno a Camara não podesse pagar, satisfaria no anno immediato, não só a pensão correspondente a esse anno, mas a do anterior.

O Provedor da Comarca (de Esgueira) deveria attender a todas aquellas determinações, levaria em conta as quantias, gastas com o subsidio, pago até áquella data, e, como no Alvará antecedente, tudo se cumpriria sem embargo da parte das Ordenações, que podesse determinar o contrario.

Este novo Alvará foi escripto por João Pimenta, por mandado de João da Costa Travassos e por despacho da Meza do Paço, de 22 de Dezembro de 1641.

Em 16 de Junho de 1642 foi trasladado para o Registo da Camara de Aveiro, «por Luiz de Alcaçova Cyrne, Escrivão da Camara e almotaceria d'esta (então) notavel Villa e foi entregue o original a Frei Sebastião de Ourem, guardião do convento de Santo Antonio.

Havia sido registado em Lisboa em 14 de Janeiro do mesmo anno, por Miguel Maldonado; e havia sido registado na chancelaria dos officios e mercês a folhas 252, por João de Paula de Albuquerque.

A Camara de Aveiro o mandou registrar em 4 de Março e o Guardião assignou a declaração de lhe ter sido entregue o Alvará.

Este nada pagou, porque foi considerado como esmola.

*

* *

Desde certa epoca, difficil de indicar, a Camara de Aveiro deixou de dar aos religiosos d'este Convento, os 40\$000 réis annuaes, a que se refere o Alvará antecedente, e que eram a gratificação dos Sermões prégados na Igreja de S. Miguel.

E no entanto, os frades não deixavam de cumprir essa clausula.

Queixaram-se á Rainha D. Maria I. E a soberana, por uma provisão de 18 de Se-

tembro de 1780, mandou á Camara d'esta Cidade, que continuasse a dar aquelle subsidio aos habitantes d'esta casa religiosa, e tirado do acrescimento das cisas, como era costume. Eguualmente determinou, que nunca deixasse de se dar o subsidio, ainda que houvesse de se fazer a cobrança das cisas por meio de arrematação ou por outro meio diverso do costume antigo.

Essa Próvisão foi passada por Despacho do Conselho da Fazenda real, da mesma data, e assignado por os Conselheiros Romão José Rosa Guião e Abreu e Jeronymo de Lemos Monteiro. Foi escripta por Antonio José Felix Corrêa e por mandado de Francisco Paes de Vasconcellos.

Em 16 de Outubro do mesino anno foi registada no livro segundo, dos Privilegios e Mercês, da Camara de Aveiro, a folhas 392 e 393, pelo Escrivão da mesma Camara Antonio Thomaz da Cruz Mendes.

O original foi entregue a Januario Barreto Ferraz Teixeira Pimentel, que era então o Sindico da Provincia da Soledade e havia requerido, ao Conselho da Real Fazenda, a continuação da mercê, concedida pelo Alvará de 7 de Janeiro de 1642.

*

* *

D. Maria I, attendendo a uma petição dos frades d'este convento, concedeu-lhes a faculdade de tirarem esmolos de sal nas marinhas da ria de Aveiro, sem que os officiaes do despacho do mesmo sal por qualquer maneira lh'o estorvassem, quando os senhorios e marnotes das ditas marinhas quizessem dar voluntariamente taes esmolos.

Esta concessão foi dada em virtude das informações do Provedor da Comarca de Aveiro e depois da resposta do procurador da corôa.

A Rainha mandou, que essa concessão valesse por mais de um anno, apesar das Ordenações em contrario, e que a Próvisão, em que era concedida tal mercê, não houvesse de pagar direitos nem do registo pagasse mais que os emolumentos, por ser considerada como esmola.

A Próvisão foi passada em Lisboa em 13 de Fevereiro de 1790, foi escripta por Joaquim José Pinto, por mandado de Gonçalo José da Costa Souto Maior, e foi as-

signada por Manuel Pedroso de Lima e José Ricardo da Gama.

Foi passada em razão do despacho do Desembargo do Paço, de 8 do dito mez, assignado por José Ricaldo Pereira de Castro.

Por ser esmola, só pagou quinhentos réis de emolumentos de registo, na chancellaria-mór do Reino, em 18 tambem do dito mez.

Foi registada, em Aveiro, no livro das leis, Provisões e Ordens de Sua Magestade a folhas 439, em 28 de Março do mesmo anno de 1790, e por Antonio Thomaz da Cruz Mendes, Escrivão da Camara da mesma cidade.

XX

Cêrca do anno de 1808 acabou o noviçado n'este Convento.

Continuaram, porém, as aulas, tanto do curso de theologia, como de preparatorios, que então eram Latim, Phylosophia, Rhetorica e Francez, ensinando-se, com a Phylosophia, alguns principios de Geometria; e, com a Rhetorica, Geographia e Historia.

Tambem os alumnos, que se dedicavam ao estado monastico, aprendiam musica e especialmente canto-chão.

N'este convento havia aula de Instrucção Primaria para menores de todas as classes. Era regida por um dos Frades, que para isso, fazia concurso publico e que recebeu uma pequena gratificação, paga pelo Cofre do Subsidio Litterario.

Por Despacho da Directoria Geral dos Estudos e Escolas do Reino, em data de 15 de Fevereiro de 1802, foi encarregado de reger aquella aula Frei José de Braga. Esse despacho foi assignado por José Monteiro da Rocha, Vice-Reitor da Universidade e Vice-presidente da mesma Junta. Foi registado na Secretaria da Universidade no dia vinte, por Antonio José da Silva e por mandado de José Manuel Ribeiro Vieira de Castro, Secretario da Junta.

Em 5 de Abril foi registado, na Provedoria da Comarca de Aveiro, por Luiz Pedro Nolasco e por ordem do Provedor João Carlos Cardoso Verney. E, no dia 8, foi registado no livro Terceiro, das Mercês e Privilegios, da camara municipal d'este concelho, a folhas 175 verso e 176, por José Antonio Ferreira da Silva, Escrivão da Camara.

O original foi entregue ao agraciado,

cuja assignatura no mesmo livro, ainda hoje dá bem a conhecer, que Frei José de Braga tinha optima caligraphia!

Por motivos, que não podem saber-se, foi suspenso este professor e, para o seu logar foi nomeado, como substituto, Frei Joaquim de Valongo, que teve ordem para tomar posse do cargo, dentro de trinta dias depois do despacho.

Este foi passado em data de 20 de Agosto do mesmo anno e assignado pelo mesmo Vice-Reitor.

No dia immediato foi registado na Universidade por João da Silva Pereira de Mello e por ordem do mesmo Secretario.

Clemente Ferreira França, Juiz de Fôra em Aveiro, mandou, no dia vinte e nove registrar o despacho e este foi registado em 4 de Setembro do mesmo anno, pelo dito Escrivão da Camara d'esta cidade, no mesmo livro a folhas 200 e 201 e o original foi entregue a Fr. Joaquim da Feira, Guardião d'este convento.

Em 1817 era professor da aula de instrucção primaria Frei Joaquim de Santa Rita. E foi este o ultimo ou um dos ultimos religiosos, que exerceram aqui esse cargo, antes da extincção das ordens monasticas.

Teve por discipulos alguns individuos, que depois se tornaram notaveis nas letras e nas armas e, muito mais, na politica.

R. DE QUADROS.



Pensamentos

A *solidão* como a *associação* têm as suas conveniencias e desconveniencias, e podem considerar-se de separado ou mutuando-se uma á outra.

A *solidão* olhada no verdadeiro sentido da palavra é um attentado contra a natureza que deu ao homem a intelligencia e a lingua, coração e affectos; isto é, instrumentos para que uns aos outros nos crêssemos, communicassemos e amassemos.

Do mesmo modo a *associação* sem a *solidão* tende a fazer nos automatados, meninos-grandes, que no meio da experiencia não alcançam a experiencia.

Mas associae a *solidão* com a *comunidade*, repensae na vossa cella o que ouvistes, vistes e observastes no tumulto dos homens; applicae ao vosso coração as lições colhidas nos torneios scientificos, litterarios e religiosos, e vereis como sen-

do uma parcella social não podeis viver sem a sociedade.

Concedo-vos que a *Solidão* é o ambiente das almas grandes. Mas que fazem ellas na *solidão*? Ou se preparam, sob a direcção de homens *sociaes*, para entrar na sociedade, ou disfructam dos loiros á custa de muito gozar ou soffrer entre os homens.

Tal é a *Vida Commum* que harmonizando o presbyterio com o bulicio do mundo, o silencio dos claustros com a honesta recreação, a compunção da cella com o apostolado dos grandes centros, estende a sua seiva milagrosa ao organismo social para vivifical-o, civilisal-o e sanctifical-o.

A egualdade no viver lembra-vos um commum principio e um fim commum. Aprendeis então praticamente a não melindrar o companheiro com que sois nivelados á meza commum. Elle tem tanto direito ao respeito como vós.

A convivencia de pessoas de diversas provincias e nacionalidades unidas pelo vinculo da caridade, dá a um individuo a potencia de muitos. Do sabio colherá a sciencia, do humilde a humildade, e até do vicioso aprenderá, reconhecendo quanto fica mal a um ente racional o rojar-se na vasa immunda.

Frederico Rhossard

*Porque morreu tão cedo esse que nalma
Dos companheiros seus gravara o nome,
E em noite de verão, nitente e calma,
Foi dos vermes matar a voraz fome?*

*Porque morreu? Vós o sabeis, romeiros!
O talento brasileiro é como as flores,
Que vivem por instantes nos canteiros
Morrendo do bochorno entre os vapores!...*

*E esse por quem aqui nos congregamos,
Noivo da morte, presa do coveiro,
Esse infeliz mancebo que choramos,
Era um bello poeta brasileiro!*

*Parece que este sol brilhante, puro,
Da linha do Equador, traz n'elle a morte
Nos que sonham delicias no futuro
Tendo a Musa por guia e o Amor por norte.*

*Quando o talento n'elles irradia
O Fatalismo lhes aponta a tumba...
E a mão da morte descarnada e fria,
Silentemente as palpebras lhes chumba!*

*Depois... que resta da existencia inteira
D'esses que são do Verso a Magestade?
— No chão do cemiterio uma caveira...
— Nos nossos corações uma saudade...*

J. EUSTAQUIO DE AZEVEDO.

SOBRE A ORDEM

DE MALTA

A ordem de S. João de Jerusalem foi fundada em 1048 recebendo em 1113 a approvação do Papa Pascal II.

Aos tres votos habituaes nas ordens simplesmente religiosas, como instituição militar que tambem era, os respectivos membros juntaram mais a obrigação de dar pousada e tratar aos peregrinos; concorrer para a despeza da Igreja e combater os infieis sempre que tal fosse necessario.

Depois da tomada de Jerusalem por Saladino, a séde da ordem foi transferida para S. João d'Acre, d'onde por seu turno retirou a breve trecho pois que a referida povoação cahiu por seu turno nas mãos dos musulmanos. Então os cavalleiros da Ordem de S. João de Jerusalem installaram-se em Limisso, na ilha de Chypre, mudando a residencia tambem logo pouco depois para a ilha de Rhodes conquistada valorosamente por elles em 1309 a 1310 sob o grão-mestrado de Toulques de Pillaret.

Mas em 1522 o Sultão da Turquia obrigou-os a evacuar a ilha, vêndo-se então obrigados a vaguearem ao acaso até que em 1533 Carlos V lhes doou Malta.

Finalmente na ida para o Egypto, Napoleão Bonaparte, apoderou-se da ilha e forçou o respectivo soberano, que era o Conde da Hompesch, a realisar uma convenção em virtude da qual Malta passava a pertencer á Republica franceza.

Possuia a Ordem de Malta tres classes de membros: os cavalleiros (que deviam ser nobres), para o serviço militar; os sacerdotes para o serviço religioso; e os serventes destinados uns á milicia e outros aos trabalhos ecclesiasticos ou hospitalarios. Hoje ha duas cathogorias: cavalleiros de justiça e devoção; e de graça magistral, existindo tres graus para ambas — gran-cruz, commendador e cavalleiro.

Os dominios da Ordem dividiam-se em oito linguas, subdividas por sua vez em priorados, haliados e commendas. Actualmente os territorios onde a Ordem tem jurisdicção ainda que puramente nominal, formam quatro priorados: Roma, Lombardia, Duas Sicilias e Bohemia.

Eis a lista dos grão-mestres que téem havido: Pedro de Martigues (1099). Ray-

mundo de Puy (1118). Otleger de Balbon (1160). Gilberto de Saly (1163). Castus (1170). Joubert de Syria (1173). Roger de Moulins (1177). Garnier de Syrie (1187). Esmangard Daps (1191). Godofredo de Duisson (1192). Affonso de Portugal (1194). Godofredo Rat (1204). Guerin de Montai-

gu (1208). Bertrand de Texia (1230). Gerin (1231). Bertrand de Comps (1236). Pedro de Villebride (1241). Guilherme de Chateaneuf (1244). Hugo de Revel (1259). Nicolau de Lorgue (1278). João de Villiero (1288). Odon de Pins (1294). Guilherme de Villaret (1300). Foulques de Villaret



FRUCTOS DO ENSINO LEIGO!

(1307). Helion de Villeneuve (1319). Dieu-domeé de Gozon (1345). Pierre de Corneillan (1353). Roger de Pins (1355). Raymundo Beranger (1365). Robert de Guillac (1354). João de Heredia (1376). Felisberto de Naillac (1397). Antonio Flavien (1421). João de Lastic (1437). Thiago de Milly (1454). Pedro Zacosta (1461). João des Ursins (1464). Pedro de Aubusson (1476). Emeri de Amboise (1503). Guido de Blanchefort (1503). Fabricio Caretto (1512). Villiers de l'He Adam (1521). Pedro de Pont (1534). Didier de Saint Jaille (1535). Omedes (1536). Claudio de la Sangle (1553). João de la Valette (1557). Guidalotide Monte (1568). Cassière (1572). Louheux de Verdale (1581). Garzez (1595). Adolpho de Wignacourt (1600). Mendez de Vasconcellos (1622). Antonio de Paula (1623). Lascaris (1636). Redin (1637). Armet de Clermont (1660). Raphael Cotener (1663). Carofa (1680). Wignacourt (1689). Raymundo de Rocafull (1697). Zondodari (1720). Manuel de Vilhena (1722). Raymundo Despuig (1737). Manuel da Fonseca (1741). Ximenes (1773). Manuel de Rohan (1775). Conde de Hompesch (1797-98). Paulo (1805).

De 1805 e 1879 o grã-mestrado esteve vago.

Desde então é Grão Mestre da Ordem de Malta Sua Alteza Serenissima o Conde de Santa Cruz; que, devido aos primorosos dotes de espirito e coração, que possui, tem desempenhado o cargo por uma forma verdadeiramente brilhante.

Em Portugal é representante da gloriosa milicia o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marquez de Pombal que, em tudo e por tudo, é realmente digno de tão elevada honra. Possuidor de inabalaveis crenças religiosas, que praticamente demonstra serem sinceras; de um nome nobre e illustre como poucos; das mais apreciaveis qualidades moraes, a escolha que de Sua Excellencia foi feita, para Bailio da Ordem, no Reino Fidelissimo, não podia ser mais acertada.

E assim é que vemos o brilho da instituição crescer de dia para dia, presidindo sempre á nomeação de novos membros, a par da mais stricta justiça, toda a benevolencia possivel.

B. R.



ANECDOTAS

Um sargento : — Sabe lêr e escrever, senhor recruta ?

— Direi a V. meu primeiro : escrever, sim senhor; agora em ponto a lêr, nem jota sei.

— E' incrivel... A vêr; escreva ahi alguma coisa.

Pegou na penna a modo de verruma, e escreveu uns gatafunhos.

O sargento. — Seu animal, que escreveu ahi ? Ora leia lá, o que acaba de escrever.

— *O recruta*. — Perdôe, meu primeiro, mas já lhe disse que em ponto de lêr, não pesco nada.

Perdão das injurias : — Socrates foi uma vez insultado por um escravo, e, em resposta, disse ao culpado : — *batia-te, se não estivesse zangado*.

— De Platão se conta que, depois de o ter certo amigo carregado de insultos, respondia : — *Viverei por forma que todos digam que elle mentiu*.

Uma de Pio IX : — Estando elle a dar esmola a um pobre velho, disse-lhe certo monsenhor :

— E' um Judeu.

— E' um homem, tornou Pio IX.

Martyres e suicidas :

O martyr dá a vida; o suicida tira a si mesmo a vida.

O martyr quer bem aos que o matam; o suicida a si mesmo quer mal.

O martyr personifica a esperança; o suicida a desesperação.

O martyr diz : — Tenho de morrer; o suicida quero matar-me.

O martyr conquista venerações; o suicida é objecto de horror.

O martyrio é o valor na morte : o suicidio é o medo á vida.

Dois aldeões, contemplavam a torre dos clérigos.

Um disse :

— Caramba, muito trabalho havia custar o trazer-a para aqui.

— Muito mais a pol-a têsá, respondeu o outro.

Frederico Soulié. — Não é o estudo que leva á incredulidade, mas a falta de estudo é que faz impios.

Estava para morrer Frederico Soulié, este celebre romancista francez.

Educado sempre sem a doce influencia da religião, o desgraçado escriptor nem sequer sabia rezar. Ao pé do leito estava de joelhos uma irmã da caridade, recitando devotamente o Rosario.

Duas grossas lagrimas cahiam-lhe dos olhos, quando o moribundo, fitando a,

— Que estaes dizendo ?

— *Padre Nosso que estaes no ceu...*

— Como é lindo...

Dizei outra vez...

E a Irmã repetiu.

— Magnifico! Quero aprender tambem o *Padre Nosso!*

E como um menino recebe os ensinamentos de sua mãe, assim Frederico Soulié aprendeu o *Padre-Nosso* d'aquelle anjo de caridade.

E um homem que tanto havia blasphemado, repetia com ternura: *Seja sanctificado o vosso nome... Venha a nós o vosso reino...*

E morreu na paz do Senhor.

♦

La Harpe, o grande revolucionario, interrogado porque mudara de opições, respondeu:

— *Porque examinei, acreditei: examinee e acreditareis.*



Leituras amenas

A clientela do Doutor

I

— E' o Snr. um tal!...

— E o Snr. um qual!...

Ouviu-se immediatamente o retumbar de duas grandes bofetadas, capazes de fazer vêr as estrellas ao meio dia.

Apezar d'esta mutua recompensa a honra não estava satisfeita.

— Isto não pode ficar assim!...

— O mesmo digo eu.

— Ah! tem o meu cartão!...

— Eis aqui tambem o meu.

— Os meu padrinhos visital os-ão amanha.

— Espero-os em minha casa.

Depois de separados pelas pessoas que tinham assistido a esta contenda, os dois retiraram-se a seus respectivos domicilios.

Uma hora apoz estava no seu quarto da rua Caurmatin o famoso Achilles Loustignac conferenciando com dois amigos seus que o deviam apadrinhar no duello em que se devia bater.

— Pelo que vejo, disse um d'estes, não ha meio de evitar o conflicto.

— Evitar o conflicto! exclamou Achilles, preciso a vida d'esse homem ainda que me exponha a perder a minha!

— Não se devem exagerar as coisas,

disse o outro em tom conciliador, talvez encontremos a maneira de o evitar com honra.

— Já é tarde para negociações de qualquer genero respondeu Achilles, a não ser que esse patife me dê uma satisfação completa, retirando a bofetada com que me amolgou os queixos, e as palavras injurias com que me enxovalhou a fama.

Os dois padrinhos empiscaram o olho, e um d'elles disse:

— Conta connosco para terminar a pendencia. Onde está o cartão do teu adversario?

— Está aqui, respondeu Achilles entregando-lh'o.

Este leu em voz alta:

*Dr. Fagulha
pela Universidade de Philadelphia
Especialista em todo o genero de enfermidades
Rua de Vangirard, 413.
Consultas diarias das 10 ás 12 da manhan.*

— Oh! um medico! exclamou um dos padrinhos; bem, para termos a certeza de o encontrar iremos ás horas das consultas.

— E' o melhor, respondeu Achilles, Bem sabeis amigos que a minha honra está nas vossas mãos.

II

No dia seguinte ás 11 horas da manhan estavam os padrinhos á porta do doutor. Tocaram a campainha e, momentos depois, apparecia um negro trajando uma magnifica libré.

— Que desejam?

— E' aqui que mora o Snr. Dr. Fagulha?

— Sim, Senhores. Se desejam entrar tem que pagar cada um dez francos.

— Como, dez francos! Nós não vimos consultal-o; queremos tratar de um negocio muito differente...

Empurraram a porta, porém apenas conseguiram entreabril-a, estava segura com uma cadeia de ferro. O preto repetia com a maior indifferença:

— Dez francos por pessôa!...

Como os amigos de Achilles não queriam voltar sem cumprir a missão de que se tinham encarregado, resignaram-se a entregar ao preto um luiz de ouro.

Abriu-lhes a porta, entregou-lhes um numero de ordem e conduziu-os a uma sala ricamente mobiliada, onde uma meia du-

zia de individuos esperavam anciosamente que lhes chegasse a sua vez.

— Repara! disse um dos padrinhos de Achilles, todos os enfermos do Dr. Fagulha são pessoas de distincção e vestem com elegancia. Isto é o que se chama uma boa clientela!

— Assim parece. Indubitavelmente esse homem é um sabio! Os dois amigos sentaram-se e ficaram em silencio, para imitarem o procedimento dos outros clientes do medico americano.

De quando em quando levantava-se uma cortina, abria-se uma porta, pronunciaram-se dois numeros juntamente, e entraram para o gabinete do Dr. dois dos individuos que esperavam na sala. Depois fazia-se nova chamada e entrava outro par para o sanctuario do Dr. Porque, deve-se notar que os clientes do Dr. Fagulha iam e vinham aos pares como os bois, os versos alexandrinos e as testemunhas.

Chegou finalmente a vez aos padrinhos de Achilles Loustignac que entraram no gabinete e expuseram ao Dr. o objecto da sua visita.

A pendencia ficou regulada satisfactoriamente depois de uma curta e amigavel conversação.

O famoso medico da Universidade de Philadelphia escreveu de seu proprio punho uma retractação formal, em que dava todas as explicações que os amigos de Achilles se lembraram de lhe exigir.

Satisfeitos do bom exito da sua missão dirigiram-se presurosos a casa do seu amigo, sem ao menos se lembrarem que tinham dado vinte francos ao porteiro do Dr. Fagulha.

Terminada a hora das consultas Fagulha esfregava as mãos de contente pelo resultado obtido n'aquelle dia.

— Oito disputas mais ou menos violentas, dizia elle com os seus botões, promovidas hontem á noite em varios cafés e restaurantes, por cuja causa me visitaram hoje dezaseis padrinhos. Cada um pagou dez francos ao porteiro; total: cento e sessenta francos. Mais dez francos de um enfermo verdadeiro que cahiu na esparrela por casualidade, sommam cento e setenta francos! Effectivamente não ha como Paris para os *grandes negocios!*

Amores de Mãe

Está proxima á morte, e eil-a inclinada sobre o berço em que repousa seu filho.

Conhece demasiadamente que aquella noite é a ultima da sua existencia; a enfermidade que ha tempos a minava, torna-se mais accentuada, e aquelle corpo tão combatido vae cair ferido pela terrivel espada da morte.

Já moribunda ainda contempla o filho que dorme placidamente alheio á desgraça que brevemente o vae ferir.

— Lembrar-se-á de mim?!... pensava ella; lembrar-se-á de mim!... repetia a infeliz, sentindo mais que a morte certa, o esquecimento provavel.

Ergueu a cabeça e viu do outro lado do berço um tenue resplendor, depois umas azas brancas e, finalmente, dois olhos fitos nos seus...

Ouviu uma voz dulcissima que dizia:

— Sou o Anjo que por mandado do Senhor, guia as mães que morrem no caminho do ceu. Venho buscar-te; estás pronta?...

— Deixa-me contemplar mais um instante, respondeu a mãe, olha como é formoso!... como se sorri!...

O Anjo inclinou a cabeça e murmurou.

— Deus to concedeu formoso, para que á hora da morte, gozasses esta doçura!

— Filho meu! exclamou a pobre mãe; que acharás sem mim na vida?... a felicidade?... a desgraça?...

— Tu podes conceder-lhe uma ou outra, respondeu o Anjo, o Senhor to permite.

— A felicidade, oh! a felicidade!... gritou a mãe.

— Pensa bem, — tornou o Anjo baixando tristemente a cabeça. — Se teu filho alcança n'esta vida a felicidade que sonhas, inebriado de prazeres, deslumbrado pela gloria, cheio seu coração de carinho e ventura esquecer-te-á brevemente.

Teu nome não assomará a seus labios e a tua memoria não lhe fará marejar as lagrimas nos olhos.

— Ai! exclamou então a mãe, sentindo pela primeira vez a morte.

— Mas, continuou o Anjo, se teu filho, fôr desgraçado a cada nova pena surgirá mais viva a tua imagem em seu espirito.

Confiar-te-á, como se ainda vivesses, todas as suas dôres, contar-te-á nas noites de insomnias todas as suas amarguras. Não serás morta para elle, porque com os olhos arrasados de lagrimas te contemplará a todas as horas, e sempre emquanto seus labios pronunciem, — MINHA MÃE — viverás e reinarás no seu coração.

A mãe meditou por um momento, depois foi-se inclinando sobre o berço até pousar seus labios na frente de seu filho; e ao levantar a cabeça, com voz clara, firme e vibrante disse:

Que sejas feliz!

E em quanto como nuncio de um feliz destino, um leve sorriso despregava os labios do menino adormecido, a mãe e o Anjo ausentavam-se caminho do ceu.



Uma data gloriosa

(Do *Atmanach de Santo Antonio*)

A scena representa uma escola, d'essas que chamam hoje leigas.

O professor, muito obediente aos *novos moldes*, dá lição ao 3.º curso, um grupo de rapazes adeantados.

Um d'elles. — O' snr. professor, porque é que a gente põe na data este numero 1893?

Professor. — Porque... é... o do anno em que estamos.

Discipulo. — Sim, senhor, mas... que é que isto quer dizer?

Professor. — Quer dizer... (consigo). Que miseria de pergunta! Não sei como responda sem mexer na religião, assumpto prohibido .. (*alto*). Quer dizer... que ha 1893 annos nasceu na Judéa Nosso... (*emendando-se*) nasceu na Judéa... um Judeu...

Discipulo (*á parte rindo*). — Grande maravilha nascer na Judéa um Judeu!

Professor. — Um Judeu!... chamado Jesus Christo.

Um discipulo (*impiote, filho de paes idem*). — E quem foi este Jesus Christo? Nunca ouvi falar d'elle lá em casa.

Professor (*coçando a orelha*). — Jesus Christo foi... foi... um homem celebre.

Um discipulo (*filho de paes christãos*). — Mas... mamãe diz á gente que Jesus Christo é Deus.

Professor (*frizando a testa*). — Menino, repita estas coisas lá em sua casa; aqui é casa do governo, ouviu?

(*Momento de silencio e de admiração*).

O discipulo impiote (*á parte*). — Bem diz papá que isto de Deus é... droga. Se não fosse, o governo não havia de prohibir que se falasse n'elle aqui.

O primeiro discipulo. — E porque foi celebre Jesus Christo, snr. professor?

Professor (*um tanto atrapalhado*). — Que aprendam mais tarde... mais tarde, depois de homens...

Um outro discipulo (*muito esperto*). — Excede a nossa comprehensão, snr. professor?

Professor (*contente com a escapatoria*). — Mas está claro!...

O mesmo rapaz. — E como o professor nos contou ainda agora a historia de Napoleão, e o caso do philosopho Socrates, que bebeu sicuta?...

(*O professor começa a ficar com as orelhas esbraseadas. Vae responder qualquer cousa, quando o discipulo impiote interrompe*).

— Mas realmente devia ter sido um grande homem, o maior de todos, desde que se contam os annos pelo nascimento d'elle!

Professor. — Tambem os mahometanos datam pela fuga de Mafoma; não é razão para...

O discipulo esperto. — Mafoma .. o da Arabia? A Arabia fica na Asia, e o snr. professor diz que a Europa é a parte do mundo mais adeantada. Os sebios da Europa datam pelo nascimento de Christo, logo...

Professor. — Uhm! já sabe expor o seu raciociniosinho... está muito adeantado!

O mesmo discipulo. — Papá é que me ensina.

O impiote. — Mas, diga, snr. professor, diga á gente o que fez Jesus Christo? Foi um sabio? Escreveu muitos livros?

Professor. — Que me conste, nenhum.

O mesmo discipulo. — Conquistou muitos paizes?

Professor. — Nada, nada.

Discipulo. — Foi um grande rei?

Professor. — Não, senhores! Arre! Jesus Christo andava prégando pela Judéa, ahí está.

O impiote. — Prégando? Assim como os *meetingueiros* da praça?

Professor. — Meetingueiros? onde achou o snr. esta palavra?

(*Os rapazes riem-se*).

O impiote. — Quero dizer... gente que faz *meetings*.

Esperto. — Devia de ter sido muito estimado, como aqui o snr. Cons. Ruy Barbosa; rico, não foi, snr. professor?

Professor (*arreliado*) — Não, senhores, não! Foi pobre como Job!

O primeiro discipulo. — Quem foi Job?

Professor. — Oh! senhores, mas isso é um nunca acabar!... Já disse que não explico, que não posso explicar religião, estão ouvindo? Deixem-me!

O discipulo esperto. — Mas era a data que a gente queria saber...

O professor. — Já não dei a razão? Que mais querem?

O impiote (*teimoso*). — Saber a biographia de Christo, para vêr se merece a honra que lhe fazem.

Professor (*á parte*). — A biographia de Christo!... Ainda mais esta!... Mas não ha remedio. Se eu mesmo lhe mando perguntar-me tudo o que quiserem... (*alto*). Pois bem. Christo nasceu n'uma estrebaria, viveu obscuro, trabalhou de carpina, depois levou tres annos prégando, e final-

mente morreu crucificado, no supplicio dos escravos, entre dois ladrões, condemnado por embustreiro, ahí está.

(*Os rapazes olham uns para os outros, muito surpresos*) Chi! .. Chi! ..

O impiote. — O professor está caçoando.

O filho de paes christãos. — Caçoando, não, foi assim mesmo

Mamã ensina.

O impiote. — Mas então, se isso é verdade, como é que se dá tanta honra a um criminoso, que acabou assim?

Professor (*comsigo*) — A coisa vae de mal a peor. Dizer que Jesus Christo é Deus, é ensinar religião, o que não devo; não dizer... é deixar tudo escuro... Macacos me lambam!

O impiote. — Mas diga, snr. professor. Estamos muito interessados com a historia.

Professor (*impaciente*). — Porque acreditaram alguns homens que esse Jesus era Deus, que tinha vindo resgatar o mundo... em summa, porque esse Christo fundou uma religião...

Um discipulo. — E que é religião, snr. professor?

Outro. — E quem é Deus?

Professor (*já fora dos eixos*). — Vão perguntar ao dictionario, andem, seus... Vão perguntar ao dictionario, que eu não lhes posso satisfazer a curiosidade, entendem? Isto não é coisa que se ensine na escola.

E' lá com os paes de cada um. (*Agita furiosamente a campainha, e os discipulos retiram-se com agua no bico, sem ter ficado bem clara a questão da data*).

O adjuncto (*que ouvira tudo afastado, comsigo*). — Não lhes quiz falar de Christo, mas falou-lhes hontem de Robespierre, de Danton e de Marat... e elogiou-lhes a revolução franceza... Estes novos moldes... só mandal-os ás favas!

Professor (*á parte, tomando folego*). — Irra! vi-me em papos de aranha! quasi que lá se me vae o catecismo pela bocca fóra. E creio que alguma coisa sempre me escapuliu, contra o que manda a lei... A felicidade é que o Inspector nunca me sobe cá as escadas da escola.

A. RODRIGUES.

Culto de S. Antonio

O Pão de Santo Antonio

Explicações

I

A approvação de Leão XIII

Em um breve, datado de 1 de março de 1898, o Papa exprime-se assim:

«Leão XIII, Papa, *ad perpetuam memoriam*. A humilde supplica que nos dirigiu o nosso caro

filho Lourenço Caratelli, geral dos conventuaes, encheu-nos de alegria, porque corresponde perfeitamente aos nossos desejos.

Exprimiu-nos um ardente desejo de ver augmentar-se sempre e propagar-se por toda a terra o culto de Santo Antonio.

«E de feito, todos os catholicos teem um poderoso motivo para venerar o bemaventurado santo, rendendo-lhe o preito da mais sincera homenagem: porque tendo-lhe confiado a infinita liberalidade de Deus um poder admiravel, derrama todos os dias sobre o povo christão graças e favores abundantes; porisso a Igreja exhorta todos os fieis a invocal o, quando, desejem obter algum milagre.

«Mais nas presentes calamidades parece que Santo Antonio se associou a S. Vicente de Paula afim de trabalhar com elle, em alliviar as misérias do povo. Um ajunta o pão, o outro reparte-o.

«Em numerosos sanctuarios, onde os pobres vão procurar o seu alimento, vemos a doce imagem de Santo Antonio, sustentando em seus braços o Filho de Deus, e lançando para Elle olhares de quem sollicita graças em favor dos desgraçados famintos. Esta imagem, exposta á veneração dos fieis, convida-os a pedir ao céo numerosos favores; obtidos os quaes, dão em troca uma esmola já promettida, destinada ao Pão dos pobres.

«Tambem as sociedades de S. Vicente de Paula, que distribuem ás familias pobres os recursos necessarios, encontram em Santo Antonio um generoso bemfeitor e um poderoso auxiliar.

«Eis por que acolhendo de bom grado o pedido que nos foi dirigido, e para augmentar a devoção dos fieis, favorecer a salvação das almas, concedemos misericordiosamente no Senhor, a todos os que confessando-se e commungando, durante 13 terças-feiras, ou 13 domingos consecutivos, em qualquer epocha do anno, fazendo conjunctamente, uma meditação, ou outro qualquer exercicio de piedade em hora de Santo Antonio, uma indulgencia plenaria, applicavel ás almas do purgatorio, em cada um d'esses dias...

«As presentes lettras teem valor *in perpetuum*...

«Dado em Roma junto da cadeira de S. Pedro *sub annulo Piscatoris*, 1 de março de 1898, anno xx do nosso Pontificado».

Depois de um documento tão claro e explicito, a causa está bem definida. Entre a auctoridade do immortal Pontifice Leão XIII, Vigario de Jesus Cristo, e a dos publicistas superficiaes, não ha que hesitar: em boa consciencia podemos invocar Santo Antonio, pedir ao céo numerosos favores, em troca dos quaes daremos a esmola promettida, para que Santo Antonio socorra os seus queridos pobresinhos. Avante, pois, amigos de Santo Antonio!

Esta devoção é verdadeiramente providencial, «nas calamidades presentes». O Papa tem vivo desejo de a ver progredir cada vez mais; aneia o dia em que ella

possa espargir os seus beneficios por toda a terra; por consequencia o soberano Pontifice não teme que ella seja nociva aos costumes christãos, á fé, e á piedade.

Mas o Pão de Santo Antonio tem tambem

II

A approvação (expressa e tacita) de muitos bispos, prelados e superiores ecclesiasticos

Ha muitos annos que havia sido estabelecida em varias igrejas de Roma, com a approvação do Cardeal Parochi, então Vigario de Sua Santidade, o qual dignou-se formular duas orações no intuito de favorecer o seu desenvolvimento. Na igreja de Santo Antonio de Via Merulana, floresce ella a vive sob a direcção do rev.^{mo} Padre Geral dos Menores. Desde os principios do anno 1896, o successor de S. Francisco tinha-a recommendado nas suas instrucções particulares a todos os directores da *Pia União*. Nas outras partes da Italia não é menor o seu desenvolvimento.

Em Toulons (França) com o assentimento dos dois ultimos bispos de Frejus tem tomado umas proporções verdadeiramente maravilhosas.

Em Paris então vemol-a na rua Puteaux, onde reveste o character de uma obra social, na Basilica do Sagrado Coração de Montmartre, n'um grande numero de igrejas parochiaes e em muitas capellas particulares com plena auctorisação do bispo diocesano.

Não ha cidade, ou localidade algo importante, onde se não haja introduzido.

Cresce e desenvolve-se na Belgica, na Allemanha, na Polonia, na Austria, na Inglaterra, Hespanha, Portugal, Canadá, Estados Unidos da America do Sul, em toda a parte emfim com o *Placet* dos Bispos.

As devoções Antonianas, podemos affirmal-o, sem incorreremos a nota de exagerados, tem invadido a catholicidade inteira, e sempre com o consentimento d'aquelles a quem foi confiada a missão de dirigir a piedade dos fieis.

Não poderemos, pois, sem fazer injuria á sabedoria e á prudencia de tantos prelados que a implantaram e favorecem, dizer, que esta devoção tem resaios de *mercantilismo*, — que tende a desmoralisar os povos, e que deve por consequencia ser rejeitada pelas almas boas.

Tanto mais que é ella

III

Fecunda em resultados materiaes e espirituaes

Graças ás esmolas que a devoção do Pão dos Pobres angaria, são hoje soccorridos milhares de pobres, orphãos, e velhos.

E não sómente se acode a inumeraveis miserias corporaes, mais sob a egide da caridade distribue-se a palavra de Deus, aos ignorantes, e a muitos, que não trilharam os caminhos da salvação; a graça aos sacramentos vivifica peccadores miseraveis; a influencia religiosa penetra, e produz fructos abundantes de salvação, ainda nos mais refractarios á propaganda catholica.

Esta devoção do Pão de S. Antonio, proclama tambem, a intervenção da divina Providencia, no seio das nossas gerações, repassadas da influencia do naturalismo, materialismo, e incredulidade.

Com o auxilio das idéas religiosas allumia o caminho do *bem*, tornando-o assim mais facil aos transviados. Derrama a luz da fé nas almas toldadas pelas sombras da superstição e do sceptismo. E assim o supersticioso attribuirá, conforme os ensinamentos da Igreja, a Deus o que lhe pertence, e o sceptico render-se-ha ao peso do sobrenatural, não dizendo impossivel o milagre, que tem deante dos olhos.

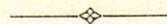
Como condemnar pois uma devoção que é tão conforme com os principios theologicos e tão abundante em fructos materiaes e espirituaes?

Esta devoção está tambem sancionada pelas graças espirituaes e temporaes, que recompensam maravilhosamente aquelles que a praticam.

Conversões, inimigos reconciliados, exames bem succedidos, curas repentinas, ou humanamente inexplicaves, proteções admiraveis no seio de perigos manifestos, objectos encontrados etc.: Seria impossivel enumerar estes favores que Santo Antonio dispensa aos seus devotos. Lendo os livros e revistas que os registam, vemos que a maior parte não são susceptiveis d'uma explicação puramente natural.

Não duvidemos pois da belleza, beneficencia e piedade da obra de Santo Antonio, — o Pão dos pobresinhos!

(*Continúa*).



BRAGA

Em outubro :

Petições depositadas.....	13
Cartas de agradecimento.....	5
Total das cartas.....	18

Graças a Santo Antonio

Meu glorioso S. Antonio. — Venho reconhecido agradecer-vos a graça que me fizestes, e satisfazer o que vos prometti. A pessoa por quem vos pedi está em convalescença da grande enfermidade que padeceu. Muito vos agradeço, e agora, querido Santo, não esqueçaes o vosso indigno devoto e servo.

FAYAL

Agradecimento a Santo Antonio. — Agradeço-vos meu Glorioso Santo Antonio o terdes-me deparado a saia que julgava perdida. O que mais me incommodava era o imaginar que ella estaria fora de casa quando a fui encontrar mesmo em casa. Publico este milagre conforme vos prometti e espero que me deparéis o que me falta, pois bem sabeis de quanta urgencia é. Também espero sempre com a vossa valiosa protecção para o meu marido, para mim, e para os meus filhinhos. Tocae sempre nos corações dos fieis para que sejam sempre vossos devotos fervorosos e que abundem com suas esmolas para que eu vos possa fazer sempre a vossa festa e esmolar os vossos pobresinhos com o pãozinho annual até que o possa fazer mensal.

Ignez Leopoldina Travassos Alua.

LAGES DAS FLORES

— *Milagroso Santo Antonio.* — Uma pessoa a quem vós fizestes muitas graças, vos offerece a quantia de 1\$250 reis.

A Snr^a Maria Victoria Nicolau, vos offerece 250 réis — Maria José Gonçalves de Mendonça, tambem vos offerece 100 réis para vós, meu glorioso Santo, lhe alcançares a graça que vos pedia; — Maria Amelia, offerece 50 réis por ter recebido uma carta do seu filho Manoel.

Todas estas offertas são para o Pão dos nossos pobresinhos.

De minha parte vos agradeço tantas graças que de vós tenho recebido e não esqueço o que vos prometti.

Peço-vos, meu glorioso Santo, que continueis a proteger-me assim como ás minhas amigas e abençoe-nos lá do céu.

Vossa devota. — *Emilia da Soledade.*

Professora Official na Villa das Lages das Flores.

12-9-901.

NOVA-GOIA (INDIA PORTUGUEZA)

Piedoso e Milagroso S. Antonio. — Venho hoje humildemente cheia de alegria e gratidão manifestar as graças recebidas por vossa mui valiosa intercessão restituindo a saude ao meu filho que ha mais de cinco annos soffria febres rebeldes a todos os tratamentos medicos impossibili-

tando-o da frequencia regular nos seus estudos e tendo n'este estado entrado no Real Seminario de Rachol, por o mesmo meu filho mostrar muita vontade de estudar n'elle com o fim de ser Sacerdote, mas não tendo ao principio tido annuencia do seu pae, tendo eu implorado a Vós, meu milagroso Santo fui attendida com plenissimo consentimento do meu marido e desde que lá entrou achase completamente curado de febres e tem podido continuar sempre os seus estudos sem interrupção.

Agradeço-vos, meu milagroso Santo, mais uma grande graça que obtive pela vossa intercessão que é a liberdade d'um preso injustamente accusado d'um crime.

Abençoe e protegei sempre, meu amado Santo, ao meu marido, aos meus filhos e a esta vossa humilde serva, e peço vos que o meu filho tenha bons resultados nos exames geraes.

Remetto vos a pequena esmola de 5 rupias para o pão dos vossos pobresinhos. — Vossa serva, *M. A. M. S.*

— *Grande Santo Antonio.* — Envio 2 rupias ao Pão dos vossos pobresinhos e agradeço-vos penhorada do grande beneficio obtido a meu favor e continue, eu vos peço, a proteger-me sempre e sempre. — *C. H. de S. e S.*

— *Meu bom Santo Antonio.* — Venho-vos agradecer o beneficio da cura obtido em favor dos meus filhos e outras graças. Remetto vos 2 rupias para o Pão dos vossos pobresinhos. — *Uma vossa devota.*

— *Meu protector Santo Antonio.* — Ahi vos mando o obulo de 5 rupias pelas muitas graças temporaes obtidas por mim por vossa poderosa intercessão e vos rogo humildemente que sempre me concedaes esta vossa protecção de que tanto necessito.

Mando mais 2 rupias ao Pão dos vossos pobresinhos para que me dê luz, intelligencia e memoria para o exame que vou fazer em breve e consiga uma melhor approvaçã. Espero, certo do vosso patrocínio

Sempre estou prompto a auxiliar ao Pão dos vossos pobresinhos segundo as minhas forças. — Um vosso sincero devoto, *B.*

Peço perdão de tanta demora havida da minha parte em mandar ao cofre vosso tanta esmola que varias pessoas me entregaram. Protegei-me sempre nas minhas necessidades temporaes e espirituaes. — *O mesmo.*

— Agradeço-vos, meu *Milagroso Santo Antonio*, as graças que dignastes de conceder me e mando-vos 8 rupias ao Pão dos vossos pobresinhos. — *M. S.*

— Agradeço-vos muitissimo as graças que me concedestes e desde já vos dou ao Pão dos vossos pobresinhos a quantia promettida de 5 rupias. — *E. M. B.*

— Muito e muito vos agradeço, meu bom *S. Antonio*, o beneficio que me fizestes da approvaçã plena em 2 exames no Seminario e para o Pão dos vossos Pobresinhos mando 1 rupia. — *C. S.*

— Uma devota vossa, glorioso *S. Antonio*, manda para o Pão dos vossos pobrinhos 1 rupia por ter ficado livre o seu sobrinho. — *Uma devota.*

— Envio-vos, meu querido *S. Antonio*, a pequena offerta de 1 rupia pelo beneficio recebido. — *E. M. B.*

lerio e os outros meios sobrenaturaes para a salvação» (Leão XIII.); e por isso é perseguida.

*

Satanaz é sempre o mesmo : o seu odio ao Deus dos christãos, ao *Verbo encarnado*, é implacaval e universal. Hoje, como desde o principio, aborrece-o e ataca-o na sua divina Pessoa e direitos, nos seus ministros, e especialmente «escandece a sua raiva contra a Sé Apostolica e o Pontifice Romano» (Ibid.). Aborrece o e ataca o nos seus fieis discipulos que, submissos aos ensinios que lhes dá por meio da sua Esposa, captivam o seu entendimento pela fé á sua divina palavra e submettem na sua vontade ao suave jugo da lei que positivamente lhes impõe. Aborrece-o nos seus dogmas, detesta a sua moral, e nem ainda pode soffrer as manifestações publicas e privadas do *Catholicismo*. Esforça-se por impedil-as nas mesmas nações que ainda se chamam christãs, por envenenar-as, corrompel-as, já que não pode impedil-as, ou por substituil-as segazmente com outras manifestações d'orgulho, da voluptuosidade, impiedade e crueldade. . . de todas as concupiscencias que radicam e exercem a sua funesta acção na nossa corrompida natureza : *Quae militant in membris nostris* (Jacob., IV. 5).

*

Para chegar, se lhe fôsse possível, até fazer desaparecer do mundo *toda a ideia christã*, como dizia, não ha muito tempo, um dos filiados na maçonaria, usa de muitos, diversos e ainda oppostos meios, segundo as circumstancias : todos, porém, se dirigem a um fim ultimo, que é emancipar de Deus o homem na ordem das ideias e dos affectos, intellectual, moral e socialmente ; todos se encaminham directa ou indirectamente, proxima ou remotamente a collocar ao homem o principio da verdade, a norma da justiça, a regra da sociedade ; a levar a effeito em toda a parte, para perdel o, a seducção que começou no paraizo, quando a antiga serpente disse á nossa mãe Eva que pela *desobediencia* se elevariam á hierarchia de deuses, *sabendo o bem e o mal : Eritis sicut dii scientes bonum et malum* (Genesis, III, 5) ; quer, enfim, tornar o homem um automato e repelle systematicamente a influencia de toda a consideração sobrenatural na ordem moral da humanidade. Isto é, em resumo, o que o Santo Padre expressa com o nome de Naturalismo.»

Estamos ouvindo o Philosopho Theologo das *Novidades* dizer que ao Papa e aos seus ensinamentos basta adherir em pontos dogmaticos. A maçonaria, como é instituição *moral* de agencias syndi-ateiras, não cabe debaixo da censura pontificia . . .

* * *

Em Aveiro fala-se á bocca pequenina de desforços maçonicos. Ou não estivesse lá a estatua do famigerado José Estevão !

Aos documentos aqui referendados sobre aquella *fantochada* das juntas liberaes, quinta essencia do espirito maçonico, releva juntar mais este que é de testemunha ocular :

«Foi uma farçada vergonhosa, em que já ninguém fala.

Vieram as eleições, vieram os banhos, vieram os passeios estivaes, vieram outras distracções e todos os animos se entretiveram com isso e nem a lei, que approvou os estatutos de algumas corporações, de character mais ou menos religioso, moveu aquelles corações de pedra dos taes heroes, que deviam formar a grande Associação liberal de Aveiro.

Nem isso os levou a fazerem qualquer herraria, nem ao menos uma reunião-sita no theatro.

Os catholicos aqui tambem não deram demonstrações de regosijo. E fizeram bem, porque assim evitaram ditos e desgostos. E se não havia motivos para grandes contentamentos, tambem não os havia para grandes tristezas. Alguma coisa se conseguiu e do mal o menos.

Ao menos sempre aqui (como n'outras terras) se vão conservando dois templos e duas associações religiosas.

Os taes da Associação liberal, quando fizeram a sua ultima reunião, tiveram de andar a arrebanhar gente, agarrando alguns individuos, que por acaso passavam á noite junto ao theatro.

Mas o desastre foi manifesto e no dia seguinte os heroes da lucta andavam envergonhados e até com caras de compromettidos, sem quererem olhar uns para os outros. E, quando não o podiam evitar, mutuamente confessavam essa vergonha e reconheciam, que a pasmeira fôra completa.

Não faltaram *rabiscos* por portas e paredes ; pinturas grutescas em papelões e taboas ; dictos desengraçados e atrevidos e ainda outras demonstrações de odio e de pouca educação. Agora tudo se mudou em nullidade e só serviu para se ficar sabendo quem são certos individuos, que só desejam o seu bem-estar e cuja chronica é um sudario de vergonhas.»

Ab una disce omnes !

* * *

Passou no dia 10 o nosso tradicional S. Martinho, e com elle foram-se as desencabrestadas festas do nosso povo n'aquelle dia.

A proposito, leio n'um jornal, que aqui me ficou ao olvido na banca de trabalho, uma passagem realmente suggestiva :

«N'este paiz, n'esta terra *santa à la diable*, faltar-se-hia aos mais sagrados deveres, se não se elevassem vapores, não de incenso, mas de vinho, ao S. Martinho de amanhã, advogado dos ebrios e que a igreja se lembrou de canonisar, porque os frades e quiçá as freiras, sempre lhe fizeram piafés galantes, resumidos no emborecar d'uma *garrafla*.

A bebedice é eterna, é como o mundo : nunca teve principio e jámais terá fim.»

Quanto verde não terá emborcado este verde escrevinhador !

Uma terra *santa à la diable*, um santo advogado de ebrios, frades e freiras a fazer piafés a Santos, uma bebedice sem principio nem fim, — isto escreve-se na lua, ou é algum devaneio gizado na massa encephalica, entre as brumas carregadas de vapores estomachaes subidos ao cerebro !

* * *

Ha mais exemplos d'esta especialidade. O que vae porém em seguida, parece antes effervescencia de vinagre do que modorra fatal produzida por bom melao.

«Os bispos

Nenhum dos prelados moderou os seus impetos reaccionarios.

As exigencias da opinião liberal claramente formuladas ao governo, exacerbaram a clericalha que, longe de recuar, continua manifestando o proposito de subordinar o poder civil á Igreja.

Debalde se reclama. O governo tendo cedido o passo ao clericalismo com a publicação do decreto, nem tem a energia para satisfazer a opinião, nem para castigar as manifestações, que ferem a auctoridade de que devia ser garantia séria.

Todos os poderes se submettem depois d'isto á reacção, e tão manifestamente, que já não é possível conter os que ainda ha pouco julgavam poder arrear a preocupação da questão religiosa.

N'este caminho facil é vêr que temos combatido pela verdade, expondo, sem reticencias, quão preciso se torna que nos orientemos no sentido de impedir todas as audacias prelatias.»

Se não foram do *desnorteado Norte* estas palavras, do *Norte* que sobre pontos de Igreja e Estado tem a competencia de Bandarra prophetando, ainda ousariam perguntar-lhe :

1) Que entende o órgão republicano por *ímpetos reaccionarios* ! E, a proposito, os republicanos tambem reagem ! Ou não reagem ?

2) E' certo o que diz toda a gente ordeira e sensata, que as exigencias da opinião liberal são uma doídice varrida, pois só em paiz de cafres, ou pouco menos, encontram echo ?

3) E em que consistem a final essas exigencias ? Em chupar o sangue do povo, em troca do seu embrutecimento pela imprensa ? Em banir da escóla e da religião e os seus representantes ? Em tombar os thronos e mudar governos e formas de governo ?

E' isto a exigencia liberal ? Ou não é ?

4) E aquillo de *clericalha* ? Que nojenta praça nos sairá este monstro que em vez de recuar, obstina-se em andar para deante, como toda a gente, querendo até subordinar o poder civil á Igreja ?

23-XI-97.

O CHRONISTA DA «VOZ».

Ao Oriente *Serafico* de Assiz agradecemos (que o não saibam as *Novidades*) a versão do nosso artigo-tenda, Os COELHOS DE S. DIOGO ; á *Voz de Santo Antonio* de Sevilha, a versão do nosso artigo do fundo PROGRESSO ; á *Estrella Oriental* dos Açores, a transcripção de *A Ultima Condecoração e Ensino religioso* ; ao *Jornal do Brazil* a transcripção de *Religião Catholica*.

Aproveitamos o ensejo para agradecer ao *Jornal dos Arcos*, á *Gazeta de Caminha*, á *Cruz* e a outros collegas da imprensa, as mais que benévolas expressões com que accusaram a recepção do nosso numero de outubro.

Esta administração encarrega-se do seu empaste com o augmento de 120 réis.

Folhinha Franciscana

Para 1902

Deve estar prompta em breve. Seu custo será, como os mais annos, 200 réis.

Todos os pedidos sejam feitos á Administração da «Voz de Santo Antonio».

Almanach de Santo Antonio

PARA 1902

Deve estar á venda por todo o mez de Novembro.

Custará como nos outros annos 250 (broch.) e 320 (enc.).

A todos os nossos amigos, mas particularmente aos das ilhas adjacentes, colonias e Brazil, pedimos o favor de reclamarem a tempo este Almanach para que não soffram o desgosto de o não receberem, ou de o receberem tarde.

Livros que se podem procurar na administração da Voz de Santo Antonio :

A PAZ D'ALMA

Pelo P. Chaignon S. J. Preço 500 réis.

Um pequeno giro pelo Purgatorio

E' um livrinho proprio para ensinar os devotos das almas do Purgatorio a empregar os dias da semana em suffragio das ditas almas.

Custa :

De 1 a 10 cada.....	50
De 10 a 25 »	40
50.....	1\$750
100.....	3\$000

A Grandiosa Obra de Santo Antonio

E' um livrinho de 64 paginas, com umas lindas capas a chromolitographia, contendo — *Noticia sobre o Pão dos Pobres* — *Pia União de Santo Antonio* — *Vida de Santo Antonio* — *Trezena em honra de Santo Antonio e mais algumas devoções*.

E' um livrinho que esperamos vêr lido por todos. A isso se destina pelo seu todo, até pelo preço que é só de 50 réis.

Quem o adquirir verá se não deu por bem empregada esta quantia.

Capas da «Voz de Santo Antonio»

Estão promptas para todas as séries : 95 e 96 ; 97 e 98 ; 99 e 900 — em boa percalina dourada por 400 réis cada uma.

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILUSTRADA

Direcção. — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Director da «Voz de S. Antonio» — Braga.

Assignatura. — 1\$200 réis por anno, no reino e ilhas adjacentes ; para os de mais paizes accresce o importe do correio.



ROSA MYSTICA

GUARATINGUETÁ (BRAZIL)

Segundo nos informa o nosso dedicado amigo, o Snr. Victor Amadeu Veiga, abriram-se pela 25.^a vez para a 30.^a distribuição, os cofres de Santo Antonio. Distribuíram-se pelos pobres 20\$500 achados nos cofres, em os quaes se encontraram 7 cartas ao Santo.

RIO DE JANEIRO (BRAZIL)

Snr. Director da Voz de Santo Antonio :

Pego-lhe que se encarregue de mandar distribuir pelos pobres de Santo Antonio a quantia de 20\$000 réis fracos.

Tendo sido accomettido por diversas vezes de um ataque, recorri a Santo Antonio, ao qual prometti a quantia que remetto a V.

De V. etc.

Casimiro Pereira Cotta.

OURO-PRETO (BRAZIL)

Começamos hoje a publicar as muitas graças de Santo Antonio feitas em 1900 na Capella do Asylo Santo Antonio em Ouro Preto.

Bem hajam os dignos promotores do Culto de Santo Antonio n'aquellas terras, onde o Santo dos Milagres tão prodigo é de seus favores!

— *Meu Glorioso Santo Antonio.* — Venho-vos agradecer a graça que me fizestes e offereço-vos essa pequena esmola para os vossos pobres. — Ouro-Preto, 1 de Janeiro de 900. — *M. R. C.*

— *Meu Bom Santo Antonio.* — Eu vos offereço uma vez a dezena do Terço em sufragio das bemdictas almas do Purgatorio por eu ter feito alliança com a pessoa que eu desejava. — Janeiro de 1900 — *A. E. S.*

— *Para os pobres de Santo Antonio,* do Asylo do mesmo Santo Thaumaturgo, em Ouro-Preto, em reconhecimento pela graça que me alcançou de Deus, offereço a quantia de 25\$000 réis. — Ouro-Preto, 7 de janeiro de 1900. — *João Polycarpo Moreira.*

— *Para os pobres de Santo Antonio,* offereço 1\$000 réis segundo uma intenção particular. — Ouro-Preto, 7 de janeiro de 1900. — *José Polycarpo F. e Silva.*

— *Em agradecimento á graça* que alcancei envio para os vossos pobres a quantia de 2\$000 réis e prometto em quanto puder dar mensalmente a mesma quantia. — Ouro-Preto, 16 de janeiro de 1900. — *Vossa humilde devota J. de Brito.*

— *Ao Glorioso Santo Antonio de Padua.* — Dou graças por ter me attendido na supplica que lhe fiz em 22 de dezembro ultimo e offereço a quantia de 10\$000 réis, em auxilio de seus pobres. — 10 de fevereiro de 1900. — *M.*

— *Ao Glorioso Santo Antonio dos pobres.* — Dou graças pela justiça que fez triumphar em 6 de novembro do anno passado, offereço para os seus pobres o obulo de 50\$000 réis. — Ouro-Preto 17 de fevereiro de 1900. — *H.*

— *Ao Glorioso Santo Antonio dos pobres.* — Eu dou graças por ser attendida a supplica que

vos fiz; envio-vos 5\$000 réis. — Ouro-Preto 2 de março de 1900. — *Theodolina Medrado.*

— *Ao Glorioso Santo Antonio.* — Rendo graças por ter sido attendido em parte de minha petição. — Ouro-Preto, 12 de março de 1900. — *A. J. D. C.*

— *Graças ao Glorioso Santo Antonio.* — Obtive uma grande graça; em prova de gratidão trouxe 10\$000 réis para as suas orphans e peço a publicação d'esta graça. — Ouro-Preto, fevereiro de 1900. — *M. C. de Brito.*

— *Ao Glorioso Santo Antonio dos pobres.* — Agradeço a graça que concedestes a Teolinda Machado 10\$000 réis. — Ouro-Preto, 5 de maio de 1900.

— *Ao Glorioso Santo Antonio.* — Eu agradeço a graça que me concedeu em 20 de outubro de 1899 e offereço 2\$000 réis para soccorrer os pobres. — Ouro-Preto 9 de maio de 1900 — *A. A. S.*

— *Meu Glorioso Santo Antonio.* — Eu vos agradeço a graça corporal que me concedeu em 15 de maio e vos offereço 5\$000 réis para o pão dos vossos pobres. — Ouro-Preto, 15 de maio de 1900. — *A. C. F.*

— *Meu Glorioso Santo Antonio.* — Eu vos agradeço de todo meu coração o beneficio que me concedestes de ter me protegido nos meus exames, por isso vos dou 500 réis para o pão dos pobres. — Ouro-Preto, 20 de maio de 1900. — *M. J. B.*

— *Oh! meu Glorioso Santo Antonio.* — Eu vos agradeço a graça que me fizestes e dou aos vossos pobres 500 réis. — Ouro-Preto, 20 de maio de 1900 — *E. M. R.*

— *Viva Jesus! Meu bom Protector.* — Cheio de gratidão venho cumprir a promessa que vos fiz trazendo 5\$000 réis para vossos protegidos por me terdes alcançado de Jesus a approvação nos exames que me faltavam para obtenção da carta de engenheiro civil de minas. — Ouro-Preto, 6 de junho de 1900. — *J. Menezes.*

Os cofres do Pão dos pobres de Santo Antonio

Braga. — Em outubro 203\$445 réis, incluindo uma libra em ouro

Um devoto offereceu 6 razas de milho.

Curityba. — Em setembro.

1.^a tirada :

RECEITA

Esmolas na Igreja	7\$500
Um vigario do interior	10\$000
	<hr/>
Somma :	17\$500

DESPEZAS

Pago aos fornecedores	81\$400
---------------------------------	---------

2.^a tirada :

RECEITA

Esmolas na Igreja	12\$600
Pelas Zeladoras	62\$800
Um devoto da villa Colombo	8\$000
» » » » »	6\$000

Um devoto da villa Colombo	1\$200
Um devoto	1\$000
Um devoto	1\$000

104\$600

DESPEZA

Pago aos fornecedores	76\$000
---------------------------------	---------

QUANTIAS

De Antonio Abel P. Martins (Quinta do Deserto) — Turcifal	980
De Henriqueta Braga Santos por uma graça feita a Antonio dos Santos Braga	500

Mais a importancia inclusa n'outras cartas de agradecimento dirigidas a esta redacção publicaremos a seu tempo.

Novos membros da Pia União

<i>Arcebisado de Braga</i>	119
Guimarães	2
Villa Nova das Infantas	12
Vizella	5
Povoa de Lanhoso	2
S. Vicente de Oleiros	1
Villa Nova de Sande	5
Pencello	4
Fafe	1
Jugueiros	1
Pevidem	9
Santa Eulalia	4
Souto	2
Santa Maria d'Airão	10
Mosteiro de Souto	2
Celorio de Basto	6
Lordello	7
S. João de Brito	15
S. Lourenço de Selho	4
S. Pedro de Azurei	1
Chaves	11
Vernoim	15
<i>Diocese do Porto</i>	4
Cedofeita	4
Associados do mez pasado	138:808
Total dos associados	138:931

Recomendações especiaes

- As ordens religiosas em Portugal.
- Os collegios catholicos.
- As missões no ultramar.
- Uma conversão.
- A cura d'um enfermo.
- Duas vocações.
- Uma alma.
- Todas as petições depositadas nos cofres de Santo Antonio.



OS NOSSOS DEFUNTOS

*Pie Jesu, Domine,
Dona eis requiem.
Amen.*

P. Russell. — Hoje, pelas duas horas, diz a correspondencia de 17 de novembro para a «Palavra», um pequeno caixão entrou para o cemiterio dos Prazeres. Quatro taboas de pinho, pobres, modestas, humildes que tinham em volta d'ellas muitos rostos banhados de lagrimas, muitas gargantas estranguladas pelos soluços.

Foi uma funebre noticia a que hontem correu rapidamente por toda a cidade, por todos os centros onde existem catholicos, por toda a parte onde os grandes homens se respeitam e se veneram, até pelos proprios adversarios. Morrerá o Padre Russell, aquelle irlandez que ha setenta e dois annos viera para Portugal, onde desde então evangelisou.

O Padre Russell, nome familiar com que toda a gente o conhecia, era uma das mais venerandas figuras do clero da capital. Os seus noventa annos de idade davam-lhe á physionomia uma não sei que impressão espirital. Quando na sua frente, viamos em Russell mais espirito que materia.

O ancião nonagenario que acaba de ser chamado á presença de Deus, para receber o premio d'uma vida pura, sem macula, consagrada á evangelisação, era superior dos rev. PP Dominicanos do Corpo Santo, tres ou quatro pobres frades que a esta hora choram, na penumbra dos claustros, aquelle que era o seu pae espirital, o seu guia, o seu mestre infatigavel.

O Padre Russell viera para Portugal com vinte e oito annos. Aqui conviveu, e na maior intimidade, com os homens mais illustres do seu tempo. Foram seus intimos, seus amigos, dois monarchas portuguezes, a um dos quaes prestou levantissimos serviços.

O duque de Saldanha e até o proprio Joaquim Antonio d'Aguiar foram seus admiradores. O venerando sacerdote, doutor em theologia, possuia uma profunda erudição; era um dos mais cultos espiritos que tenho conhecido.

Infatigavel, apesar dos seus noventa annos, o P. Russell ainda nos ultimos dias da sua vida se levantava ás quatro horas da manhã para correr onde o dever o chamava. Debilitado pelo rigoroso regimen a que insensivelmente se submettia, esquecendo se muitas vezes de comer, conservou, comtudo, até á sua ultima hora o pleno exercicio das suas faculdades mentaes.

A sua morte foi a d'um bom e d'um justo. Despediu-se, com palavras de carinhoso affecto, d'aquelles que orientára no caminho religioso; e, pouco a pouco, sem soffrimento, como uma luz que se apaga á medida que vae faltando o com-



bustivel, o venerando sacerdote entrou definitivamente no céu ás tres horas e quarenta minutos da madrugada de hontem.

Vi-o na egreja do Corpo Santo, pela tarde, quando as primeiras sombras do crepusculo penetravam pelos vitraes das janellas e vinham caindo lentamente sobre as cousas e pessoas. Deposto n'um caixão que se erguia sobre um catafalco ao meio da egreja, na rigidez marmorea da morte, o Padre Russell parecia ainda sorrir, parecia ainda querer abençoar os desolados corações que o cercavam.

A egreja, vi-a completamente cheia. Não havia pessoa alguma em Lisboa que não conhecesse o P. Russell, que não o estimasse e venerasse. Era até quasi uma figura popular, a d'esse velhinho baixo, muito magro, mas de robusta ossatura, de fronte espaçosa, intelligente, desenvolvida.

Ha mezes foi o venerando ancião victima d'um desastre. Uma carroça, abalroando, impelliu-o de encontro a uma parede e prostrou-o no chão.

Lisboa inteira, a Lisboa catholica, correu á pobre e modesta casa do Corpo Santo, a inquirir do desastre e a consolar o bom velhinho. Calcule-se o que seria agora, em presença da morte subita do illustre e venerando Padre; imaginem-se as lagrimas que orvalharão agora muitos rostos, os soluços que despedaçarão muitos peitos...

... Lá ficou hoje o seu corpo na eterna morada. Que o seu espirito, lá de cima, olhe e interceda por nós junto do Altíssimo, por nós e por este pobre paiz a que elle queria e estimava como se fosse a sua propria «verde Irlanda»... — G. S.

— *José Maria*, natural de Braga, falleceu na Beira, Africa Oriental. Era grande amigo dos nossos padres missionarios, aos quaes desinteressadamente bastante ajudou com o seu trabalho. Era tambem assignante da nossa revista.

— *Soror Maria Joanna*, abbadessa do Convento do Desagravo de Lisboa. Tinha 93 annos de idade e 75 de profissão.

R. I. P.

Secção Scientifico-litteraria

A GRÉVE

Suas causas, agentes e leis

A influencia collectiva dos circulos catholicos d'operarios teve grande peso na opinião publica, e parlamento para obter a votação da lei de 1884, que abrogou a lei de 14 e 17 de junho de 1791, completou a lei de 1864 sobre as colligações, concedeu aos operarios a liberdade de constituírem syndicatos regulares, e aos syndi-

catos o direito de se federarem. Era uma victoria a favor dos syndicatos, mas foram os seus adversarios que recolheram os seus melhores fructos.

Os doutrinarios e os politicos não se deixaram illudir; viram, e com rasão, n'esta lei uma ameaça para a sua preponderancia. Olharam-na como um laço, mais ainda, como uma obra de reacção e de policia destinada a vigiar o movimento operario. Por isso declararam-se-lhe francamente hostis, até ao dia em que, allumiados pela cegueira d'aquelles mesmos a quem a lei devia aproveitar, mudaram de tactica e passaram a exploral-a.

Com effeito, os economistas e os patrões foram menos previdentes, não souberam tirar partido das vantagens que a nova legislação lhes offerecia.

Os primeiros consideraram a lei dos syndicatos como um ensaio perigoso, e os segundos como inutil, e todos oppuseram a sua má vontade ao movimento que ella devia criar, e, forçoso é confessal-o, destruíram-no.

Foi necessario esperar, diz M. de Scilhac, até ao anno de 1886, para que os operarios cahissem em si, e reconstituissem o partido syndical. Então os politicos puzeram-se áleria, dirigiram o movimento e apoderaram-se dos syndicatos.

Tomemos nota da attitude do partido operario catholico. Foi o unico a regosijar-se com a lei, sem todavia a achar perfeita. Mas em vez de se aproveitar d'ella prompta e energicamente, e de tomar a iniciativa do movimento syndical em todos os campos do trabalho, dividiu-se com a questão dos syndicatos mixtos e syndicatos puramente operarios, e assim perdeu o tempo em discussões estereis, perdendo-se tambem a si mesmo. Quando cahiu em si era já tarde, os politicos tinham tomado a dianteira na industria, e o partido catholico teve de limitar-se á agricultura, onde os seus esforços foram realmente coroados de bom exito.

Pergunta-se naturalmente o que teria acontecido se os grandes industriaes, sem tomarem a iniciativa, houvessem favorecido a criação dos syndicatos, mostrando-selles favoraveis até ao ponto de tratarem com elles, e se sobre este caminho tivessem conduzido a elite dos seus operarios. Sem duvida, veriam formar-se em volta d'elles

uma força nova, com a qual se haveria, infallivelmente, de contar.

Sem duvida, haver-lhes-iam pedido, como hoje, augmento de salario, diminuição das horas de trabalho, dimissão de contractos e reforma de qualquer regulamento. Tudo isto é possível e até provavel, mas, pelo menos, teriam os patrões a vantagem de discutir com homens sem hostilidade nem prevenções.

Teriam reformado abusos, attendido ás reclamações justas, e desviado ás que o não fossem, em nome da mesma justiça, a cuja voz prestariam sempre ouvidos. Quem sabe? Talvez elles mesmos achassem conveniente appellar para o syndicato nas questões de administração interna, e valerem-se do seu apoio nas horas de crise. Em todo o caso, teria sido uma tentativa possível em vez d'uma desconfiança inevitavel, a paz em lugar da guerra. A constituição dos syndicatos n.º 2, depois das grêves de Creusot e Montcean-les-Mines, parece indicar que os patrões hoje assim o entendem.

A seguinte observação de M. Hector Depasse, a proposito da Inglaterra, confirma esta opinião: «muitas vezes se tem notado, escreve elle na *Revue Bleue*, entre os patrões inglezes e os francezes uma differença que explica muita coisa.

Na Inglaterra os patrões, os grandes chefes e criadores da industria, não temem organizar os seus operarios, antes os auxiliaram a constituir chefes seus, a formar gremios, associações, conselhos, porque d'este modo viram que tinham a tratar, quando fosse preciso, com homens conscientes e responsaveis: sabem a quem se hão de dirigir, em caso de necessidade, para resolver as difficuldades, e tambem sabem que os compromissos tomados serão fielmente cumpridos».

Seja como fôr, os doutrinarios, aproveitando a má vontade dos economistas e dos patrões a respeito da lei de tactica, e em vez de se ficarem inactivos, entraram rapidamente no movimento para se porem á frente d'elle e o confiscarem. E tão bem o conseguiram que, a despeito de algumas vases tentativas, puderam fundar uma confederação nacional dos syndicatos, tendo á frente um conselho federal seu. Alcançaram esta victoria em 1886, em Lyão, n'um congresso organizado pelos adversarios dos syndicatos reformistas!

Dêsde então, o programma revolucionario do partido operario tornou-se o programma da federação, isto é, o programma de todos os syndicatos. E este programma foi accedido com tanta maior facilidade quanto arreadava para longe os politicos e correspondia ás aspirações dos operarios, que eram tratados por si mesmos os seus interesses. Passados dez annos. M. Hamon no relatorio que apresentou ao congresso de Londres, declarou como facto consummado que todos os membros dos syndicatos são socialistas, tendo antes affirmado que todas as escolas têm por fim commum a *socialização dos meios de producção*.

Os syndicateiros reformistas desapareceram da scena, ou desanimaram ou fôram reforçar as fileiras do partido corporativo catholico, que ficou só em frente do socialismo. Não tendo os catholicos até agora tomado parte entre os agentes da grêve, tambem não temos de nos occupar d'elles neste estudo.

Emquanto aos socialistas, mais ou menos d'accordo sobre o fim commum, a *socialização dos meios de producção*, não tardaram a dividir-se com respeito aos meios de o conseguir. Os doutrinarios appellavam para a revolução economica por meio da grêve geral; os politicos preconisavam a conquista dos poderes publicos pelo suffragio. A federação nacional dos syndicatos adoptou primeiro o programma dos doutrinarios: «*considerando*, diz ella, no congresso de Bordeus de 1888, *que é impossivel a cidadãos sinceros acreditar que a reivindicacão da posse poderá nunca realizar-se com o consentimento da burguezia, o congresso convida os operarios a separarem-se dos politicos que os enganam*». Porém a federação não tardou em constatar que os operarios levavam demasiadamente longe a obediencia, abandonando a tambem a ella!



Primeira Communhão

*Cremos em vós, ó Senhor,
Na Hostia Sacramentado,
Por eterno e puro amor
De todos nós abrasado.*

*O' Bom e meigo Jesus,
Que tanto amaes as creanças,*

*Fazei-nos amar a Cruz —
Viva Fonte de esperanças.*

*Tomae nossos corações
Ainda puros e innocentes ;
Firmae nossas convicções
Com teus olhares elementos.*

*Perdoae nossos defeitos,
E dos nossos paes e irmãos,
Que dos teus santos preceitos
Não se afastem os christãos.*

*Senhor, d'este grande dia
Guardai-nos Santa lembrança
P'lo amor da Virgem Maria —
Nosso escudo e esperança.*

*Guardae-nos tambem do mal
Já que tanto nos amaes ;
Dejendei na hora final
Os que hoje meigo abraçaes.*

Ribandar, 11-8-901.

F. A.



BIBLIOGRAPHIA.

Compendio de Theologia Dogmatica Fundamental e especial Tanquerey. — Traduzido pelo Conego Miguel Ferreira d'Almeida Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basilica do Loreto, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, condecorado com a Cruz dos Benemeritos por Leão XIII, Redactor da «Revista Catholica», etc., etc.

O auctor propoz-se, como se deduz do prologo á sua Fundamental, tornar a Theologia mais accessivel á actualidade.

Diz, e com muita razão, que a verdade, ainda que immutavel, é de todas as edades, e, assim, deve ser apresentada no decurso dos seculos, segundo o exigirem os tempos.

Vivendo o auctor no Novo Mundo, onde já fervilham todas as ruins idéas do Mundo Antigo, procurou, no elaborar da sua obra, casar-se com o ambiente e d'est'arte investir contra o Protestantismo-racionalista, ou seja o Racionalismo, parto legitimo ou *subtractum* do Protestantismo, erro mui commum n'aquellas regiões.

Se o mobil é nobre, a idéa não o é menos, e parece-nos que o auctor pôde orgulhar-se de brindar os nossos irmãos transviados (os protestantes) com uma obra, onde téem razões claras, convincentes, apodi-

ticas e irrespondiveis para abjurar a seita, se despreoccupadamente as examinarem.

TANQUEREY revela erudição mais que vulgar, na grande variedade d'auctores por elle citados, no encaicho de cada tractado.

Mostra conhecer a Philosophia, a Historia, as definições conciliares e pontificias que a seu tempo sabe fazer valer.

Em exegese não deixa de ressentir-se um pouco da rotina de certos compiladores; isto, porém, quer dizer, que é mais uma vez verdadeiro o dito do Poeta «*nil ex omni parte beatum*». Nós costumamos dizer: *não ha formosa sem senão*.

De resto, bem inteirado que a verdade não contradiz a verdade, que a Igreja não é rival do Estado, que a graça não destroe a natureza, nem a Theologia a Philosophia, nem a fé a razão, não é refractario aos progressos das sciencias naturaes, antes pelo contrario as acata em suas conclusões, quando sejam verdadeiramente scientificas. Uma prova temol-a quando trata do Transformismo mitigado, que elle não admite como um facto, mas que tambem não rejeita como impossivel e contrario ao dogma.

Mas o que na obra de TANQUEREY mais avulta é a clareza. Esta parece-nos ser a sua nota caracteristica. TANQUEREY é claro, coordenando as questões e provando as theses. Não é tão fundo philosopho e theologo como outros que o precederam, — Franzelin, Mazella e Hurter, mas é claro. Confesso que varias vezes tive de pôr de parte o meu favorito auctor de texto e lançar mão de TANQUEREY para me enteirar da questão.

Além de ser claro o auctor, é tambem bastante completo, o que dá novo titulo á sua recommendação.

A linguagem não é tão sublime e classica, que o torne inaccessible aos ingenhos medianos e pouco versados no idioma do Lacio. O auctor conhece o dito de Agostinho: *que importa que a chave seja d'ouro se não serve para abrir a porta?*

Nem é tão rasteira, que não deixe entrever toda a nitidez do pensamento, porque é verdade o que diz Mechior Cano nos logares theologicos: *nec sententiarum sublimitate capimur ubi orationis est siccitas*.

Isto pensamos da Theologia de TANQUEREY. Formulando o nosso parecer tivemos (e teremos sempre) em vista o conselho de Santo Agostinho: *censura depoi*

de lèr todo o contexto ou toda a obra, e d'este modo talvez tenhas menos que censurar.

Quisquis legis nihil reprehendas, nisi cum totum perlegeris; atque ita forte minus reprehendes (Santo Agostinho *De mendac.*)

Ao Snr. Dr. Miguel Ferreira d'Almeida o nosso parabem pelo bom gosto da escolha, e pelo trabalho insano com que vem lançando ao nosso mercado litterario obras de tanto merecimento.

Esta publica-se em cadernetas e vae já no vol. 4.º pag. 448.

Jesus Christo falando ao coração do joven pelo Padre José Zama Mellini, sequido da oração á Virgem Maria, Padroeira das Missões, aprovada, recommendada e indulgenciada pelos Exc.ºs e Rev.ºs Snrs. Nuncio Apostolico, Arcebispo de Braga e Bispo de Bragança.

Porto — *Livraria Catholica de Aloysio Gomes da Silva. Largo dos Loyos 54.*

E' um optimo livrinho, credor da nossa estima, e que merece bem ser lido por todos. A sua linguagem é verdadeiramente uma linguagem harmonisada com os sentimentos do nosso coração pela sua singeleza, pelo seu encanto e pela sua naturalidade.

A's mães de familia, e a todos a quem incumbe a formação dos corações da juventude na virtude e temor de Deus, recommendamos o presente livrinho como um verdadeiro e efficaz auxiliar em tão sancto mister.

E' o seu preço em brochura de 60 réis. Os pedidos devem ser feitos ao editor.

Pequeno Mez do Menino Jesus para uso dos meninos e meninas no decurso de janeiro. Pensamentos piedosos pelo auctor das Palhetas d'Ouro. Traduzido por uma Filha de Maria. Livraria Catholica de Aloysio Gomes da Silva — Porto.

Basta saber quem é o auctor d'esta obrinha para ajuizar do seu merito. Elle só por si é segura garantia de todo o seu valor.

Escrito em estylo adequado ás intelligencias infantis, é de molde para uso das creanças, que por singeleza de devoção muito costumam honrar o Deus-Menino. Seu preço é de 100 réis.

A B C do Povo. — Por Trindade Coelho, com desenhos de Raphael Bordallo Pinheiro — Livraria Aillaud, Lisboa, 242 Rua do Ouro 1.º — 1901.

A este bello livrinho já tão falado na imprensa portugueza não podemos fazer melhor commentario que o do mesmo auctor na *nota final*. A sinceridade com que fala,

a despretensão com que apresenta o seu trascendente trabalho, varrem á nascença qualquer nuvensinha de vaidade que porventura ameaçasse empanar a pureza da sua dedicação ao povo.

Praza a Deus que se este livrinho póde produzir alguns bons fructos os produza, — e, senão, que elle não chegue a durar fóra de mim (que aliás vivi n'elle tão intensamente durante mezes) o espaço d'uma hora! De proposito lhe marquei um preço bem modesto, — já porque me não esqueço que é pobre, e muito pobre, o nosso povo, já porque não tendo em fortuna para o reproduzir de graça em novas edições (como tanto e tanto desejava) era forçoso que elle, coitado, a si proprio se alimentasse! Vae de graça, em todo o caso, para o meu districto, o de Bragança, que é o mais pobre e infeliz de Portugal todo; e pelos outros districtos, circulará elle pela modesta quantia de 50 réis — lembrado de que é da generosidade habitual dos nossos «padrinhos», ainda os mais pobres, quando offerecem ao afilhado aquella quantia, offerecer-lh'a com a sua benção dizendo-lhe assim:

— Toma! E' p'ra um *Abc!*

Almanach do Operario. — Para o anno de 1902 — 4.º anno de publicação. — Recebemos e agradecemos este precioso Almanach que se apresenta muito melhorado.

Alem da muita variedade de artiguinhos, anedotas, pensamentos, poesias etc., com que vem recheado, insere 6 gravuras que representam: *O novo Prelado de Moçambique, No Estalleiro, O Ill.º e Ex.º Sr. Mono (Pae dos Sabios), Distribuindo a ração, Pastar africano e Regresso da escola.*

Traz além d'isso indicações muito uteis e necessarias sobre os melhores jornaes e revistas portuguezas, sobre o *Imposto do Sello, encomendas postacs* etc., rematando tudo com a doutrina assente sobre *Indulto quaresmal* e a *Bulla da Cruzada*.

Almanach de Braga para 1902, illustrado com numerosas gravuras representando as principaes praças, monumentos e templos da cidade de Braga.

Encetou este anno a sua publicação o presente almanach, garrido e artistico em sua apresentação. Varias illustrações persemeadas aquem e além entre a prosa e verso de suas paginas dão-lhe certa graça, tornando-o bem atractivo. E' uma pequena miscellanea de artigos e rimas diversas, predominando descrições referentes a Braga.

Lacrimæ Sacrae. Collecção de 5 canticos religiosos, de facil execução, para uma ou duas vozes, com acompanhamento de orgão, harmonium ou piano.

A imprensa religiosa do paiz tem-se referido largamente, e nos mais elogiosos termos, a este trabalho, honrado tambem com a auctorizada approvação dos Ex.ºs Prelados de Braga, Porto

Lamego e Funchal. Isto seria bastante para avaliar e aquilatar cam segurança o seu merecimento. Além d'isto, porém, um exame directo do livro, e os bons serviços que elle me tem prestado ha quasi 6 mezes, dão-me a convicção de que não lhe fallece merito real, antes sobejam os titulos que lhe dão jus ao nosso apreço e ao applauso dos catholicos portuguezes.

Estylo facil, mas rigorosamente religioso — e quem é que hoje, no nosso paiz, se prende com ninharias taes?... — um tal ou qual sabor artistico, a escolha acertada dos canticos, o acompanhamento do órgão, que tão raticos, o acampadamente se afasta do que para ahí *se ouve e se vê*, tudo concorre a realçar o valor d'este bello trabalho.

Pelo que, lamentamos apenas — e muito sinceramente — que o snr. Eduardo da Fonseca nos não dê mais, muitos mais livros n'este genero, prestando o seu benemerito concurso para que se acabe de vez, e quanto antes, com essa miseranda farraparria que para ahí se usurpou sacrilegamente o titulo de *musica sacra*.

O livro custa 1\$800 réis.

Canticos religiosos publicados por Pedro Antonio Lopes. — E' uma collecção de 10 canticos, publicados, com approvação do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcebispo Primaz de Gôa, como Homenagem a Jesus Redemptor ao findar o seculo 19.^o

São, na sua quasi totalidade, cantos liturgicos, em honra do Sagrado Coração de Jesus, da Virgem, de Santo Antonio, etc. Não lhes falta merecimento artistico e religioso; antes denunciam no auctor um profundo conhecedor dos segredos da divina arte de Mozart. Parece-nos, porém, que a harmonisação para 4 vozes, com o acompanhamento do órgão limitado estrictamente ás 4 notas do canto — processo aliás muito seguido por bons compositores, especialmente allemães — não torna muito viavel o uso d'estes canticos na maior parte dos nossos templos, nem será porventura o que mais satisfaça a maioria dos fieis que os frequentam.

Hosanna Patriarcha. Marcha Pastoral (piano e canto) em honra de S. Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. D. Antonio Sebastião Valente, Arcebispo Metropolitano de Gôa, etc.

Do mesmo auctor E' muito magestoso, e deve produzir um grandioso effeito. Pena é que a lettra, de medioere valor poetico e de merecimento muito inferior á musica, tenha ainda de sujeitar-se a novas torturas, para obedecer ás exigencias d'esta. Pelo demais, reputamos o hymno digno do elevado personagem a quem é offerecido.

Revistas & Jornaes

O Progresso Catholico manda aos seus assignantes esta Carta aberta que gostosamente reproduzimos:

«Prestes a findar o vigesimo terceiro anno da

sua publicação vem o proprietario do *Progresso Catholico* dirigir se a todos os seus Ex.^{mos} Assignantes, sollicitando de tod s elles o seu valioso auxilio, para a santa causa da moralidade, da virtude e da religião.

Agora mais do que nunca está demonstrado que da pernicioso leitura dos jornaes libertinos, atheus e sectarios do livre-pensamento só males pôde esperar a sociedade. Quantas faltas commettidas, quantas tibiesas e descrenças, quantos crimes, quantos suicidios não se devem attribuir á deleteria leitura d'esse jornalismo sectario, que escalpella a podridão dos cadaveres, para fazer mal a sociedade, e desvial-a da senda do bem!

D'ahi proveio a nova orientação que espiritos sensatos tentaram estabelecer. Cortar a planta pela raíz era o unico remedio, para atalhar o mal. E de que fórma se pôde conseguir esse *desideratum*? Protegendo e animando a imprensa catholica a quem está confiada a elevada missão de elucidar as camadas mal encaminhadas da actual sociedade, desviando-as do abysmo que se lhe cavava deante dos pés, e encaminhando-as para a senda da luz, do Evangelho, e das doutrinas da Santa Igreja.

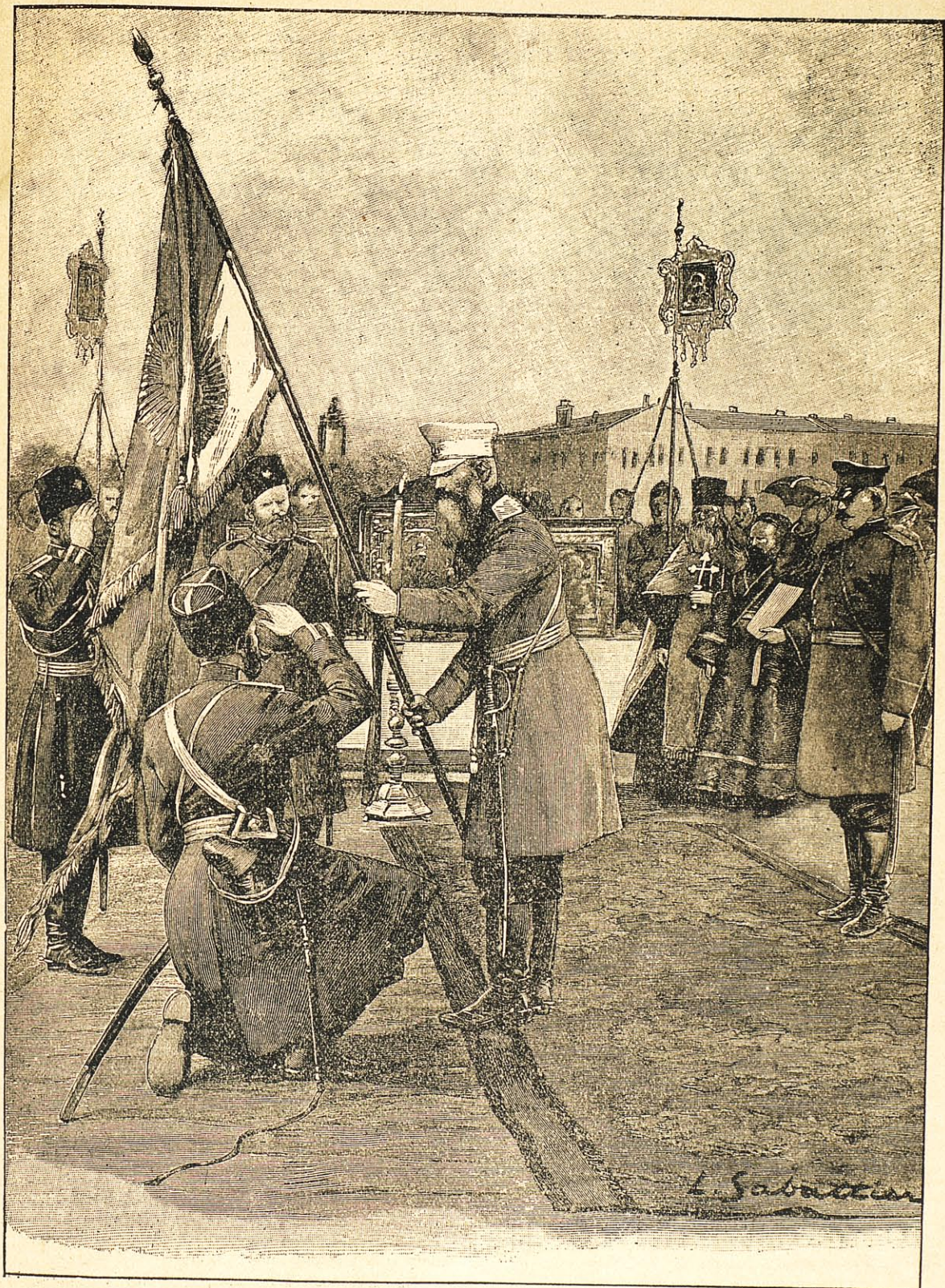
Emquanto não voltar a crença ao povo, emquanto elle fôr mal aconselhado pelos jornaes anti-catholicos tudo ha-de ser maldade, prevaricação, a negação completa do bem e da felicidade!

Conscia d'estes factos, vem a empresa do *Progresso Catholico*, agora que começa a fazer-se luz entre alguns cerebros transviados, agora que a sociedade portugueza com o fim de restabelecer o imperio da normalidade e encaminhar as almas para o bem, estabelece em todos os concelhos, e nas mais humildes terras do paiz a nascente instituição dos centros nacionaes, — vem, dizemos, pedir aos seus amigos a coadjuvação de que carece para poder augmentar a sua cruzada, pois não é justo, que apoz vinte e tres annos de serviços prestados á Igreja e á Religião, falleça n'este momento, por falta de recursos, quando todos estão convictos de que só a imprensa seria, a imprensa morigerada, a imprensa religiosa pôde levar a cabo a verdadeira regeneração de Portugal.

E quanto era facil conseguir-se esse fim! Bastava que *cada um* dos nossos amigos e assignantes obtivesse *uma unica* assignatura, entre os seus amigos, para que o *Progresso Catholico* pudesse, não dizemos viver vida desafogada, mas ao menos poder continuar a sua publicação e contribuir quanto em suas forças coubesse, para a augusta missão a que se destina cooperar.

De sobejo sabemos que essa missão está de direito reservada ao jornal diario; mas uma publicação semanal, ou quizenal tambem tem um papel importante a representar, porque nem todos tem meios de assignar um jornal diario, mas todos carecem de terem á mão um mentor desinteressado que os encaminhe para o bem.

E o *Progresso Catholico* está n'esse numero, porque além de artigos doutrinaes e de combate, traz noticias religiosas, pondo o leitor ao facto do que de mais importante occorre no reino e no estrangeiro com relação ao movimento religioso. Além d'isso traz uma secção litteraria que pôde ser lida por todas as pessoas, e uma obra annexa, de grande importancia. A que actualmente traz em publicação é *A vida de Bernadette*, por Hen-



BANDEIRA D'UM REGIMENTO

rique de Laserre uma obra de todo o ponto culminante, que immortalisou o seu auctor.

Além d'isso sabem os srs. assignantes que o *Progresso Catholico* apenas custa 800 réis annuaes, sendo aliás illustrado; e tem os srs. assignantes a vantagem de terem por brinde a grandiosa obra *Imitação de Christo*, esse poema, o mais sublime devido á mão do homem, ultima edição, anotada pelo Rev.^{mo} Padre Manoel Marinho, pagando então annualmente 1\$000 réis.

A empresa previne que não ha outro brinde, senão a *Imitação de Christo* encardendada em percallina, para os srs. assignantes que enviarem a quantia de 1\$000 réis.

Não enviando esta quantia, não téem direito a brinde algum, senão ao jornal e ao folhetim que d'elle faz parte.

Agradecendo esta fineza, que reverte em favor d'uma sociedade que as almas boas tentam regenerar, desde já agradece, reconhecido, subcrevendo-se indistinctamente de todos.

Amigo e humilde servo,

JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA,

Fazemos votos pela prosperidade de nossa collega, e agradecemos a amabilidade das suas expressões ao acusar a recepção do nosso numero de Setembro.

A Ordem. — Entrou no 24.^o anno de vida jornalística este jornal catholico que se publica em Coimbra.

Vida ampla e desafogada é o que sinceramente lhe desejamos.

No 6.^o anno tinham já entrado em Setembro as

Novas Leituras Populares — Cheias de coragem como nos annos anteriores, e inteiramente confiadas na condjuvação de seus estimaveis amigos e assignantes.

Bem a merecem.

A Cruzada. — Excelente jornal catholico de Villa Real. O numero 214 vulgarisa o trabalho do Bispo de Plasencia: — *Condempnação da Seita maçonica e meios de combatel-a* — *Os seus enganos e astucias*; *a sua extensão*; *a sua infernal confusão*; *os seus segredos e juramentos*; *a sua tyrannia*. — *O seu odio a Jesus Christo e a toda a Ordem sobrenatural* — *A sua raiva contra a Sé Apostolica e contra os ensinamentos catholicos, etc.*

Annales des Franciscaines Missionaires de Marie. — Recebemos o numero correspondente ao mez de Novembro, que traz deliciosas correspondencias sobre as missões da China, Mongolia, Indias orientaes, Meliapor, etc.

A Escola. — *Jornal da Instrução Primaria e do Professorado Primario.* — E' o titulo d'uma nova revista, redigida pelo snr. dr. Trindade Coelho, que desenvolve assim o seu programma:

Sei que são muito pobres, em geral, os nossos professores, porque n'este paiz o trabalho parece que cada vez se dá peor com a paga: — e ao contrario da maxima do Evangelho — *dignus est operarius mercede sua* — o professor, que tanto

trabalha, e é o primeiro obreiro do nosso futuro, não recebe, quasi, com que viver!

Por isso pensei n'um jornal que todos os professores recebessem de graça; mas como por mim não poderia tambem sósinho com a despeza, lembrei-me de pedir aos professores um favor, que o seria tambem para elles mesmos e para a instrucção nacional.

Bastaria que cada professor de Portugal, das Ilhas e do Ultramar portuguez angariasse dois assignantes, para o jornal poder ser fundado e viver. Nada mais simples; na certeza de que se algum não podesse angariar mais de um assignante, esse mesmo já faria numero, e professores haveria, decerto, que suppririam isso — angariando, acima de dois, os que podessem. Nada mais facil.

Confio mais na acção do professorado, para cuidar a valer dos altos interesses da instrucção, do que na acção do governo, distrahida por milhares de assumptos; — e assim, uma das primeiras, senão a primeira coisa de que trataríamos, seria de recolher — em resposta a um questionario muito claro que o jornal faria — o conselho e a opinião pratica de todos os professores sobre as bases de uma reforma sensata da instrucção primaria, e das condições economicas do professor.

Com essas bases nós mesmos elaborariamos um projecto de lei; — e com o auxilio de todos os jornaes do paiz e das Associações de imprensa de Lisboa e Porto, esse projecto seria apresentado ao parlamento, e ahi estudado e convertido em lei.

Isto se me affigura facillimo, querendo os professores; — e como o jornal não trataria de mais nada, e se publicaria em Lisboa ao pé do governo, e seria remetido a todos os ministros, a todo o pessoal superior da Instrucção Publica, aos membros do Parlamento, aos escriptores e jornalistas — e a El-Rei — havia de por força produzir bons fructos, porque querer é poder!

De redigir o jornal me encarrego eu; e até de obter para elle o concurso de escriptores illustres do paiz, que decerto m'o não recusariam para tão util fim; — e fariamos assim um baluarte!

Desenganemo nos de que ha só um caminho para a regeneração do paiz, debaixo de todos os pontos de vista: — é a instrucção. E se é certo que só n'um Portugal novo com portuguezes novos, isto é, instruidos, pôde renascer a consciencia de novos destinos, que é o mesmo que dizer, d'um papel a representar na civilisação, não é menos certo que só o *abc* e a instrucção primaria poderão realisar a resurreição da Patria — pelo braço do Professor.

Dizia Jesus que a sua missão era orar e ensinar; e isso divinizou o magisterio, alçapremando o á categoria da primeira, por ser a mais alta, das profissões sociaes, — e a unica que pôde dar ao individuo a carta d'alforria de uma liberdade que não seja no fundo uma mentira, e á nação, que é a somma dos individuos, a riqueza, o bem-estar, a felicidade, que são sempre fructos da instrucção

Desenganemo-nos: individualmente, um homem pôde talvez fazer a fortuna d'outro. legando-lhe bens: — mas collectivamente, a fortuna de uma nação só a nação a pôde fazer, e por unica fórma: instruindo-se. Não tem outra, porque

não ha outra; e nação que descure os interesses da sua instrução, sobretudo primaria, e não veja no professor o primeiro obreiro da sua felicidade e o guia seguro do seu futuro, ha de morrer por força, porque se inutilizou para toda a ordem de interesses, — e ha de morrer pela fôrma por que as nações morrem: desaparecendo, perdendo a sua autonomia, — sendo conquistada!

A Alma da Patria só n'um sacrario pôde perpetuar-se, — e esse sacrario é o *Abc*.

Depois do pão, que alimenta o corpo, a primeira necessidade do homem é a instrução — é o *Abc* — que lhe alimenta e robustece o espirito. *Nec solo pane vivit homo*: nem só de pão vive o homem: — são palavras do Evangelho.

A *Escola* será semanal: e custará por anno 1200 rs. e por 6 mezes 650 rs., isto em Portugal e nas Ilhas.



As nossas illustrações

I — FRUCTOS DO ENSINO LEIGO! — Esta pinturesca gravura não carece de expli-
cação.

Aquellas tres caras de estanho, aquelle olhar de escarneo, aquelle rir desavergonhado dos jovens vadios dizem tudo ao observador attento: *tres garotos de marca*.

Aposto que L. G. Brownn, (1) progenitor feliz do heroico *Triumvirato*, foi inspirado n'essas caras deslavadas que nos apparecem a cada esquina e praça das cidades populosas a fitar-nos sempre com olhar escarninho e rustico.

Estou em crêr que o afamado pintor foi arrancar os tres heroes do seu quadro ao meio de arruaças parecidas com as nossas de Lisboa, Porto e Setubal, n'este desgraçado anno de mil novecentos e um. Pelo menos seria mais feliz no seu parto artisticito e teria apresentado caras mais destanhadas, se as viesse escolher aqui n'este *Cardal a beira-mar plantado*.

Seja como fôr, o certo é que Brownn apenas photographou, desenhou sómente; não creou os personagens em questão. A má criação, a educação athea, é que gerou e deu á luz esses tres gaiatos, espécimens de tantos milhares que formigam pelas nossas cidades modernas, em perenne guarda, a toda a hora do dia e da noite.

*

(1) E' de L. G. Brownn, o quadro cuja reprodução apresentamos.

Não é necessario ser perscrutador atilado, para reconhecer que a natureza humana viciada pela culpa, e verminada pela malicia, tende a resvalar pelo declive da immoralidade, se um forte anteparo a não sustem na ladeira. E este anteparo possante e unico, tambem não é difficil adivinhal-o: é a *educação*.

Ella não só livra o homem de descer a um baixo nivel de indignidade, mas chega muitas vezes a eleva-lo á primitiva dignidade adâmica, como vemos n'esses religiosos vultos que veneramos em nossos altares.

Bem ao contrario, se ao descuido da educação juntamos a educação athea, o natural pendor da humanidade accelera vertiginosamente até dar com o homem em baixezas immoraes, a que nunca chegou o instincto accezo dos animaes mais brutos.

Mas a educação não é só indispensavel ao individuo: é o, por deducção logica, tambem á sociedade. O funcionamento regular d'uma boa machina depende da methodica engrenagem das suas varias partes, e o feliz andamento da sociedade reclama a perfeição moral dos individuos, que só lhe pôde advir d'uma educação accurada.

Saber educar bem, é saber dispôr para futuro uma sociedade honrada, virtuosa, consciante do seu destino moral, uma sociedade feliz.

*

Magôa espiritos reflectidos a leitura dos desvarios da humanidade, archivados n'essa perenne exposição, que dá pelo nome de Historia. Mas punge ainda mais a lembrança de que podíamos ter evitado a desgraça d'essa grande familia, que tambem é nossa, esmerando-nos á medida de nossas forças, na educação dos seus membros, no polimento moral dos seus individuos, nossos irmãos.

O futuro da humanidade está no querer ou não querer dos educadores, ou elles se chamem paes de familia, mestres, lentes, ou officiaes, reitores de seminarios, lyceus e universidades. Elles, e só elles, são responsaveis pelo desalinho e desnorteamento moral e até social d'essa grande familia, que toda lhes passa pelas mãos.

O homem, sempre mas principalmente em creança, impulsionado pelo espirito innato d'imitação, faz o que vê, diz o que

ouve, recebe sem preocupações nem reparos as primeiras idéas propostas a seu tenro espirito, alinha o seu character, o seu espirito, todo o seu ser moral pelos modelos que lhe passam habitualmente pelos olhos.

E' a juventude semelhante a malleavel barro de que podeis fazer, educadores, um Pedro ou um Judas, um madeiro docil em que podeis esculpturar ou a imagem da liberalidade e do egoismo, ou a da honestidade e da devassidão. Tudo está ao vosso querer.

*

Mas nem todos a quem compete este delicado encargo, attentam na sua grave e tremenda responsabilidade. E apesar d'isso queixamos-nos das hodiernas aberrações, da arruaça, dos apedrejamentos, das escaramuças a respeitaveis sacerdotes, do bandoleirismo eleitoral, do descaro infrené dos ministros de estado, dos hediondos crimes emfim, que os jornaes por ahi véem assoalhando todos os dias. Queixemos-nos sim, mas queixemo-nos dos pessimis educadores que pômos á frente da nossa juventude.

O individuo não nasce ladrão e suicida, gatuno ou adultero; fizeram-no assim na officina e na fabrica, no lyceu e na universidade, e até (quem sabe?) no lar domestico.

Foi um pae, um official, um professor, um lente, quem perpetrou o monstruoso attentado de formar para a sociedade espiritos desnordeados e corações corrompidos.

*

Um dia, supplicava-se em praça publica (supponho que em França), um criminoso. Faltavam apenas uns tres minutos para o momento fatal. De repente um individuo estranho atravessa a praça, arredando com afana multidão, sobe já esalfado o patibulo e abraça o condemnado:

Adeus, meu filho; então!... Adeus meu... cortou logo o infeliz.

Mas lembre-se que o... Pae foi quem me trouxe aqui. Não faça o mesmo com meus irmãos.

Nada mais. Passaram-se os tres minutos, o cutello caiu-lhe sobre o pescoço e o malfadado pae viu correr o sangue d'um filho por elle mesmo derrancado.

Educadores, vós sois esse pae; os delictos da humanidade pesam sobre vós; da vossa educação ella se queixará, n'um dia de remorso e de ignominia.

*

* *

II — ROSA MYSTICA (Quadro de Tamburini). — Tamburini, querendo dar corpo a uma tão bella concepção da *Rosa Mystica*, passou do symbolismo á realidade, e da realidade tornou ao symbolismo.

Viu uma flôr, e no seu botão entreaberto, e nas suas pétalas aljofradas sonhou elle outra flôr mais aberta ainda e mais orvalhada: — aberta docemente á contemplação de coisas vagas como o mysterio, mas definidas como a virtude; orvalhada pelo suave rocio das consolações ultra-mundiaes, que fazem nadar em innocentes alegrias dois olhos grandes e bellos.

Ellas ahi estão ambas, corporificadas na téla. Uma, na figura de recatada donzella, tem na cara estampado o reflexo vago da melancolia das solidões. Brota-lhe dos olhos o candor da innocencia e simplicidade infantil. Os braços cruzou-lh'o Tamburini para fazer cahir d'uma das mãos d'essa *mystica rosa* o pé d'outra rosa, não *mystica* e imaginaria, mas real e verdadeira.

Uma suppõe a outra, e ambas se completam e mutuam.

E' o quadro do symbolo a annunciar a realidade, e da realidade a envolver-se no mysterio.

São assim as harmonias da natureza, Tamburini enlaçou-as na téla. Agora vae João de Deus cantal-as no verso:

*Dize-me, rosa, em que esperança
Fundas essa louçania;
Quando, vivendo um só dia,
Nem podes deixar lembrança!*

*— Exhalo em curta existencia.
Uns aromas salutaes,
Que ainda depois nos ares
Conservam a minha essencia.*

*N'essa essencia que evapora,
E no pranto que recama
A tua face orvalhada,
Parece que nos quizeste,
Mimosa filha da aurora,
Lembrar a Rosa celeste,
Que foi tão attribulada!*

*Mas hoje é o sol que a veste!
E se algum pranto derrama,
Se algumas lagrimas chora,
E' um pranto que embalsama
Todo o coração que a ama
E as suas graças implora!*

*
* *

III — BANDEIRA D'UM REGIMENTO. --

A nossa gravura representa um Coronel de soldados Cossacos recebendo de joelhos a Bandeira de seu regimento em Omsk.

No exercito russo não ha melhores nem mais disciplinados soldados de cavallaria. Intrepidos, orgulhosos e indomaveis, condensam as qualidades typicas do arabe, a resistencia do escocez e a valentia do portuguez.

D'antes eram os Cossacos quem elegiam o seu chefe, pouco mais ou menos como se elege um rei ou um presidente. Ao eleito chamavam Hetmann.

Agora dá-se este nome (Hetmann dos Cossacos) ao herdeiro do throno de Russia. Mas é cargo apenas nominal, porque o verdadeiro chefe é Hetmann de Ukania, que reconhece no Czar o seu unico soberano. Gosa do titulo de excellencia e é tenente geral do exercito russo.

Os cossacos estão obrigados ao serviço desde os 18 aos 50 annos, e cada um tem cavallo proprio. Vestem de azul, com adornos da côr do *Cum* a que pertencem. Mas os Cossacos da guarda imperial têm uniforme roxo.

Orça por 150:000 o numero dos soldados cossacos, entrando n'esta conta os de reserva.

Pertencem ao rito grego e constituem um reino independente no Imperio da Russia, mas estão sempre dispostos a serem os primeiros na defeza da patria, cujo unico soberano dizem ser o *Grande Czar Branco*.



Chronica universal

ROMA

Os jornaes liberaes têm annunciado repetidas vezes que o Santo Padre Leão XIII está gravemente enfermo; não admirava, por que 90 e tantos annos, o cargo de maior responsabilidade,

e as perseguições ás Ordens Religiosas, eram motivos sufficientes para nos arrebatat esse veneravel ancião, e extremo Pae Mas a Providencia Divina, para consolação nossa, conserva-o ainda com saude, e lá vae dirigindo a barca de S. Pedro com a sua privilegiada intelligencia. Sempre desejavamos saber que interesse têm estes liberaes em contristar os catholicos, publicando noticias falsas sobre a saude de Leão XIII! Melhor lhes seria depôr o odio contra o papado. Elle assistirá á sua ruina, como assistiu á de todos os tyrannos desde ha 20 seculos. Verão um dia os christãos cobertos de luto porque Leão XIII os deixou e foi dar conta das suas ovelhas a Christo, mas assistirão tambem espumantes de raiva, vendo a gloria do seu successor, sentado sobre o seu throno abençoando o mundo.

PORTUGAL

Comecemos a chronica d'este mez enviando os mais *sinceros* cumprimentos a todas as Congregações Religiosas, e aos seus amigos que são numerosos e dedicados

E porque?

O governo do snr. Hyntz Ribeiro, nomeou para SUPERIORES GERAES de todos os Religiosos Portuguezes, em Lisboa o snr. Conde de Mesquitella e no Porto o snr. dr. Amancio Pinheiro E' isto o que dizem os jornaes. O governo não foi justo na escolha; este logar pertence ao philosopho Navarro. Mereceu o pelos serviços prestados ás congregações e mesmo como premio de consolação, pois equivale quasi a um logar de embaixador da Santa Sé, ou legado á *latere*.

O peor é se estes dois Superiores Geraes, (agora têm o nome de **commissarios**!) querem ordenado á altura da sua elevada posição!... Como porém ainda se não conhece bem os *porques* e *fins* d'esta nova gerarchia ecclesiastico-civil, a seu tempo esclareceremos os nossos leitores sobre este novo attentado contra a liberdade de consciencia e contra as immunidades da propria Igreja.

*

Liquidada a questão das Congregações Religiosas com os celebres *estatutos* publicados no Diario do Governo, e legalisada essa nova hierarchia sob a direcção dos taes superiores geraes, (agora chamam se commissarios!), vae o nosso paiz entrando no conhecimento de certos **factos**, que, todos conjugados hão de fatalmente esclarecer essa conspiração infernal, preparada a occultas pelos inimigos de Deus e da sociedade.

Aproximemos os factos.

Em Coimbra, na salla dos Capellos, o illustre bispo do Porto, é insultado pela universidade; *Em Vizeu* quando passava a procissão jubilar, levando á frente o seu prelado, e praticando assim um acto do culto no mais legitimo uso dos seus direitos, lá apparece um grupo de liberaes, achincalhando o que de mais sublime tem um povo; e isto sob as vistas paternas da *policia*.

Em Fafe, anda o Exc.^{mo} Arcebispo de Braga, visitando e confirmando na Fé os seus diocesanos, vae hospedar se em casa d'uma dignidade ecclesiastica, fóra está o povo aclamando-o com todas as manifestações de regosijo o seu prelado; mas

tudo isto irrita os sentimentos *liberaes* do administrador do concelho, e sem consideração alguma para com o Exc.^{mo} Arcebispo, nem ao menos respeitando a vontade popular, manda intimar as musicas que deixem a festa e os pyrotechnicos que vão queimar o fogo em honra d'elle administrador, pois é uma auctoridade modelo como talvez na China se não encontra!

No Porto e em Lisboa são apodreçados, pelos leitores dos jornaes liberaes, inoffensivos religiosos que tiveram o atrevimento de deixar por algumas horas o vapor em que faziam viagem para visitar as duas capitães do nosso paiz.

São quatro factos escandalosos e bem impressos na mente de todos os catholicos do nosso paiz, mas eram factos isolados: agora porém o philosopho Navarro veio dar-lhes certa coesão levantando uma campanha furiosa contra o Em.^{mo} Cardeal Patriarcha de Lisboa e Ex.^{mo} Bispo do Funchal, E não julguem os leitores que o *amigo cliente* da Nunciatura (1) agride os dois illustres prelados com uma linguagem delicada.

Isso foi tempo em que elle entoava canticos á igreja e aos proprios membros das Congregações Religiosas! Agora pontificando essa orchestra infernal, pede lá do throno das suas *Novidades* que os dois illustres prelados sejam punidos severamente que lhes sejam suspensas as congruas, que os seminarios sejam fechados ou os seminaristas educados... (onde, snr. Navarro? Na sua sua escola?) e que finalmente os porões dos navios lá estão etc. Não respira este homem senão sangue, odio, vingança e perseguições, contra aquelles que ainda ha poucos mezes chamava seus irmãos! Aquella consciencia deve andar muito atribulada, pois tão agitada e turbulenta anda a sua penna. O que é certo, porém, julgando as coisas pelos factos, é que a questão religiosa está no periodo da sua primeira evolução. Foi iniciada sob o nome de: *guerra aos jesuitas e frades*, que succumbiram sob uma lei iniqua. O segundo periodo terá talvez este nome *guerra aos bispos e padres, zelozos* cumpridores do seu ministerio. Não será realmente esta a 2.^a *étape* d'esse trama occulto contra a Igreja e contra a sociedade?

Assim o suspeito, e por isso aqui ficam as impressões dos factos occorridos este mez conjugados com os precedentes.

*

Voltemos agora as nossas vistas para a politica portugueza, onde certamente não descobriremos melhores nem mais risonhos horizontes. A desordem religiosa é seguida de perto pela desorganização e perturbação publica. Nem podia deixar de ser assim. O homem politico e o homem religioso distinguem-se apenas na *favellenta* cabeça dos liberaes e pseudo philosophos. Desgraçado o povo cujos dirigentes (ou ministros) andam em guerra alerta contra a Divindade! E infelizmente os nossos politicos enveredaram por esse caminho!

(1) E' assim tratado o philosopho Navarro n'um primoroso artigo d'um conceituado jornal de Lisboa

Temos aqui presente um artigo publicado no «*Commercio do Porto*» sob as iniciaes F. L. e intitulado: *A injustiça influe nas finanças*. Desenvolve admiravelmente a sua these e chega á conclusão que a administração do nosso paiz tem por base o *empenho*, desprezando o merito e a justiça. Isto é a pura verdade, mas ha-de concordar o articulista que esta administração é tão logica, como ruinoso para o paiz. Felizmente este systema governativo já vae sendo conhecido pelo povo, e o governo encarrega-se de lh'o ir lembrando todos os dias...

*

E' dos Açores que nos vem o ultimo brado de protesto contra essa mesquinha e vil administração. Um professor de instrucção primaria, exercendo honradamente o seu ministerio durante o longo espaço de 17 annos, não concordando com a politica do actual ministerio, commetteu o crime de seguir o programma dos *nacionalistas*. Pois isto foi o sufficiente para em menos d'um anno ser victima das seguintes vinganças:

1.^a Ser annullado o despacho que lhe tinha sido feito pelo governo progressista.

2.^a Ser desattendido n'uma pretensão em que havia um outro concorrente, sem nenhuns serviços prestados á instrucção.

3.^o Serem syndicados os seus actos tão illegalmente, que o proprio Conselho Superior de Instrucção Publica, resolveu por unanimidade não haver motivo algum para proceder contra o professor porque *eram falsas as accusações que se lhe faziam*.

4.^o Ser transferido dos Açores para uma cadeira do continente, e isto com tanta urgencia, que foi assim communicado para os Açores por um despacho do snr. ministro do reino!

Se este honrado professor em lugar de possuir a justiça e o merito profissional, tivesse alli em Lisboa um padrinho politico, e estivesse de cócaras deante do snr. Hyntz Ribeiro, podia concorrer a todos os logares e empregos publicos, porque tudo alcançaria, mesmo uma carta de conselho, ou o titulo de Mgr.; assim, não temos outro remedio senão pedir a Deus que nos dê gente com juizo que nos governe.

E para não perdemos tempo, já que estamos falando dos Açores, ahi vae outra noticia muito fresca e verdadeiramente carateristica da *moralidade politica da nossa administração*.

Em Angra do Heroismo apresentaram-se á inspecção militar 128 mancebos, e d'estes foram isemptos do serviço 125! Ora uma de duas, ou a junta de inspecção encontrou motivos justos para um tal procedimento, e n'esse caso fica em triste situação, o snr. Hyntz Ribeiro porque é natural d'uma ilha que dá 125 rapazes inuteis para o serviço sobre um total de 128; ou então a junta fez politica ministerial, e n'esse caso temos um facto verdadeiramente escandaloso.

Mas, está salva a dignidade e moralidade, porque a imprensa governamental, consola os progressistas, dizendo que elles tiveram partes eguaes no bôdo das isempeções.

*

Outro ponto muito engraçado da nossa politica é a **mania das reformas**.

E' uma fartura ! Bemdito seja Deus !

Reforma na Academia das Bellas Artes, reforma na organização dos torpedos fixos e moveis (esta é do snr. Pimentel Pinto): reforma do exercito ultramarino (Teixeira de Soisa, o das aguas de Vidago), e até o snr. ministro da justiça tenciona reformar não sei qué, da sua pasta.

Fui ha tempos consultar um illustre advogado do fóro portuguez, deu-me o seu parecer, e no fim olhando muito serio para mim, disse-me á queima roupa : olhe, meu amigo, quer que lhe fale com franqueza ?

— Porque não, doutor ?

— Pois bem, não tenho a certeza se o aconselhei bem, ou mal ; e a razão é esta : as reformas na legislação portugueza são tantas, as leis, decretos, e portaria, tão encontradas e contradictorias entre si, que eu muitas vezes não sei o que hei de aconselhar aos meus clientes.

— Que dirá o doutor, quando lhe chegar ao escriptorio a noticia de novas reformas, mesmo pelo ministerio da justiça !

Os nossos politicos querem justificar o proverbio de que *«lei de portuguez dura um mez»*, e por isso quando têm a desejada felicidade de ser ministros da corôa, não fica coisa alguma sem reforma ; e é por isso que todos os ramos da administração publica estão um cahos, e o erario do paiz sem um real que não esteja hypothecado aos credores externos.

Tempos houve em que uma opposição franca e seria fiscalisava estes desmandos governativos ; hoje nada d'isso.

O general Saldanha affirmava que todo o cidadão portuguez era obrigado fatalmente a pertencer a um dos partidos, progressista ou regenerador, porque, dizia elle, mais vale ser assaltado só por uma quadrilha de ladrões, do que por duas. Os tempos mudaram, e os dois partidos formam hoje um só bando. Nem podia deixar de ser porque quasi um seculo de experiencia, mostrou a todo o paiz que o programma d'estes dois partidos era commum : *«odio contra a igreja, e má administração dos negocios publicos.»*

*

A fusão dos dois partidos é symptoma de fraqueza mutua. Colligam-se para resistir a um nucleo de homens honrados chamados *nacionalistas*, porque temem a liquidação das contas que estes lhes possam um dia exigir em nome do paiz.

O susto d'esses dois partidos é justo, porque a onda dos *Centros Nacionaes* cresce todos os dias, e os membros do syndicato vomitam contra elles, nas columnas dos seus jornaes o veneno da calumnia e da intriga. Não admira Gemem ? é porque lhes doe. Calumniam e intrigam ? Nunca lhes conhecemos outros instinctos, e desempenham o seu papel politico. Têm escripto na sua bandeira *«guerra á Igreja, ruina da Patria ?»* Com elles se defronta uma outra cuja divisa é *«por Deus e pela Patria»*. Antes assim, porque é signal de fogo em toda a linha.

N'estas condições, extremados assim os campos, é bem triste vêr alguns soldados do nosso

campo, irem tomar posição contra nós sob a bandeira inimiga. Mas não importa !

Os *nacionalistas* já contavam com isso ; e muito mais. Temos a firme convicção da justiça da nossa causa, temos o apoio de todos os homens independentes, temos a protecção de Deus !

Os fundamentos estão lançados, e não foram pouco lisongeiros os principios d'esta nobre campanha. Proposto um deputado, obteve 11:000 votos não contando a roubalheira, e os escandalos que se commetteram. Nas eleições camararias do dia 6 de novembro foi eleita uma camara completamente *nacionalista*, e entraram membros *nacionalistas* na formação de mais 5. Temos 32 jornaes ou revistas que defendem esta causa. Vêem todos os dias novos elementos occupar o logar dos desertores e engrossar o nosso campo. A frente de nós temos homens illustres : por conseguinte, para a frente. *Pro Deo et pro Patria !*

HESPAÑHA

Lá têm estado no senado hespanhol 9 prelados a pedir contas ao governo do Snr. Sagata, pela perseguição iniciada contra as congregações Religiosas. Fallaram em nome de todo o episcopado hespanhol e fallaram apostolicamente.

O bispo de Oviedo referiu-se ao ultimo decreto do ministro do reino sobre as associações não duvidou dizer que o dito ministro tinha legislado como um atheu (este decreto, não foi tão apurado como o do Snr. Hintz-Ribeiro).

O bispo de Palencia tornou-se solidario com todas as considerações do prelado de Oviedo, e affirma que as Ordens Religiosas formavam e formam sempre, cidadãos patriotas e honrados.

O prelado de Tartosa, indignado contra o ministro pela sua ingerencia nos negocios da igreja, ameaça terminantemente com a excommunhão, toda a auctoridade civil que tiver a ousadia de violar a clausura religiosa.

Fallaram os successores dos Apostolos agora fallem os pretorianos :

O general Ascárraga declara que as Ordens Religiosas não podem sujeitar-se á lei de associações, e por conseguinte, elle, e o partido conservador estão com os prelados.

Santos Guzmán censura o governo, porque n'uma questão religiosa, devem ser ouvidas as duas sociedades interessadas, a civil e a religiosa.

O ministro do reino, vendo a attitude energica e justa dos prelados, declarou pela sua parte, que era catholico sincero, e que a sua intenção não fóra ferir a Igreja. Estamos promptos a aceitar as modificações que o Senado julgar indispensaveis fazer ao projecto.

Esta promessa do ministro pouco valor tem, porque os homens publicos em nossos dias, teem duas *consciencias* ; uma para uso particular, e outra para o publico que serve ordinariamente para enganar os seus semelhantes.

O que não póde porém deixar de alegrar sobre maneira o nosso espirito de catholicos, é ver os Prelados hespanhoes defendendo a causa da Igreja na presença dos inimigos de Christo.

FRANÇA E TURQUIA

O governo da França andou ás turras com

o Sultão da Turquia. A França foi mais feliz com o Sultão, do que a Inglaterra com os boers; pois dentro d'um mez rompeu as relações diplomaticas, mandou uma esquadra tomar conta da administração de Mitylene, a Turquia cede a todas as reclamações da França, retira-se a esquadra das aguas turcas, reatam-se as relações diplomaticas, e feitos os cumprimentos amigaveis entre as duas potencias, ficou tudo em paz.

As causas do rompimento da França com a Turquia foram estas:

- 1.^a A questão dos creditos Tubini e Lorando.
- 2.^a Os caminhos de ferro do Oriente.
- 3.^a Protecção das escolas Francezas.
- 4.^a Direito de protecção dos christãos armenios

5.^a Reconhecimento dos Diplomas concedidos a Europeus ou oltomanos, pela universidade catholica franceza de Beyronth.

Este rompimento entre a França e a Turquia mostrou bem a toda a europa o espirito material e mesquinho de que estão animados os politicos francezes. Pois ainda temos bem presentes na memoria, os humanitarios e patrióticos discursos proferidos no parlamento francez pelos deputados catholicos, pedindo ao ministerio do Snr Waldek-Rousseau que tivesse piedade de centenas de milhares de christãos trucidados na Armenia, e se lembrasse das tradições seculares do seu paiz. Não ouviu esse clamor de milhares de infelizes pedindo soccorro, nem attendeu os seus defensores no parlamento.

Agora, porém, como se tratava de dinheiro, pediu contas exactas ao turco, para que lhe não ficasse a dever nem um centimo.

Não comprehendemos bem a 4.^a condição que a França exigiu da Turquia isto é: «*Direito de protecção dos christãos armenios*»; e não comprehendemos, porque o governo francez, persegue em França os melhores christãos que alli tem a Igreja e por isso como ha-de elle ir protegel-as n'outro paiz estrangeiro?

*

Ora querem vêr os leitores como os christãos e a liberdade religiosa são protegidos na França?

Ora leiam que é um facto recente e succedido em Toulon, cidade maritima da França, e por elle ficam os armenios sabendo, (e nós tambem) a

protecção que lhes dispensará aquella que *foi verdadeiramente* a filha dedicada da igreja.

O Franc-Maçon Guérin, intentou arrancar das paredes do hospicio de Toulon, todos os emblemas religiosos, e o proprio crucifixo; mas o pessoal hospitalar, recusou-se formalmente, e não quiz associar-se a tão odiosa profanação.

Os directores do hospicio, intimados pela autoridade respectiva, recusaram se a perpetrar por si mesmos um tal attentado, e foram assalariar ás ruas, dois infelizes, que, ajudados do porteiro do estabelecimento, tiveram a coragem de arrancar as imagens de Jesus crucificado, estatua da Virgem, quadros, e todos os emblemas religiosos, e isto no meio da mais viva indignação, das lagrimas de todo o pessoal, e do desfallecimento de muitos doentes, aterrados com um tal crime.

Mas, se esta façanha maçonica foi levada a cabo em todos os dormitorios, sem outro incidente que não fossem vivos protestos de todos os doentes, não succedeu assim no dormitorio n.º 14.

Este dormitorio é destinado ás mulheres de má vida.

Tendo conhecimento de que se tratava, protestaram violentamente. (Quem tal diria?)

E armando se com qualquer objecto que tinham á mão, abriram a grande porta do dormitorio, e desafiavam, cheias de cólera, que entrassem no seu dormitorio, os insultadores de Christo e seus santos!

O cidadão Dalest, temendo as graves consequencias d'esta revolta, mandou chamar a policia, e o commissario prometteu deixar o crucifixo.

As revoltadas foram punidas pelas directoras, privando-as de jantar n'aquelle dia, sendo as mais energicas encarceradas; todas receberam o castigo corajosamente, respondendo com alegria aos perseguidores de Christo, com aquellas palavras dos Apostolos, «*não nos importa de soffrer por Christo*»!... Outras gritavam: «*somos umas peccadoras... mas tambem somos filhas de Christo*».

E tomando em suas mãos o crucifixo, foram postar-se ás janellas a entoar o conhecido cantico:

Viva Jesus! Viva a sua Cruz!

Os sectarios francezes chegam mesmo a desgostar as... infelizes.

Quanto a estas desgraçadas, Deus attenderá este acto de Fé, na presença dos modernos phariseus, aos quaes se pôdem applicar as palavras do Divino Mestre:

Os publicanos e as mulheres perdidas vos precederão no reino dos céos.

